

HANDERSON RIBEIRO DE ALMEIDA

**O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM UMA SOCIEDADE
FRAGMENTADA E FLUIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Domingos
Volney Nandi.

Coorientador: Prof. Dr. Maria
Teresinha de Resenes Marcon.

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC.

ALMEIDA, Handerson Ribeiro de

O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM UMA SOCIEDADE FRAGMENTADA E FLUIDA / Handerson Ribeiro de Almeida; Orientador: Domingos Volney Nandi; Coorientador: Maria Teresinha de Resenes Marcon - Florianópolis, SC, 2020.

104 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Modernidade líquida 2. Evangelii Gaudium 3. Compromisso social 4. Fé e compromisso.

Handerson Ribeiro de Almeida

**O PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO EM UMA SOCIEDADE
FRAGMENTADA E FLUIDA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 30 de setembro de 2020.

Prof. Dr. Pe. Rafael Aléx Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pe. Domingos Volney Nandi
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Maria Teresinha de Resenes Marcon
Faculdade Católica de Santa Catarina
Coorientador

Profª Dra. Magda Marta Antunes Machado
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

À minha família pela oração, pois me apoia na vida e na caminhada vocacional.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor, que dá a vida, e à Virgem Maria, que sempre me auxiliou com o seu amor maternal.

Aos meus pais e irmãos, que me apoiam e sustentam a minha vocação à santidade com suas orações.

Ao Instituto Missionário Coração Imaculado de Maria, pela formação à vida religiosa.

Aos professores e as professoras, pela dedicação ao ensino, especialmente ao professor Pe. Domingos Volney Nandi e à professora Maria Teresinha de Resenes Marcon, orientadores desta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização e divulgação deste trabalho, meu muito obrigado.

Posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas que vi ao longo da minha vida são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar.

(Papa Francisco)

RESUMO

A obra *Modernidade líquida* como ponto inicial deste exame/estudo sobre as mudanças, os procedimentos, os métodos e as práticas, enquanto processo, referentes à missão evangelizadora da Igreja Católica, que se pretende nas sociedades contemporâneas entendidas nesta pesquisa como fragmentadas e fluidas. Neste sentido, Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* propõe uma Evangelização que busca a superação dos desafios sociais, e a centralidade da missão da Igreja, diante das enormes e rápidas mudanças culturais. O objetivo desta pesquisa é analisar as implicações decorrentes do processo de fragmentação e liquidez presentes na sociedade. Diante deste processo de fragmentação, propor um diálogo entre os escritos de Bauman e a *Evangelii Gaudium*. Partindo dos resultados, procura-se apontar possíveis caminhos para a superação e promoção da dignidade dos mais atingidos por essa cultura de consumo e do descarte.

Palavras-chave: Modernidade líquida. Sociedade líquido-moderna. *Evangelii Gaudium*. Compromisso social. Fé e compromisso.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CV - *Christus Vivit*
DAp - Documento de Aparecida
Doc - Documento
DSI - Doutrina Social da Igreja
EG - *Evangelii Gaudium*
FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz
GS - *Gaudium et Spes*
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
Jo - Evangelho segundo João
LG - *Lumen Gentium*
OMS - Organização Mundial de Saúde
ONU- Organização das Nações Unidas
OXFAM - *Oxford Committee for Famine Relief*/ Comitê de Oxford para o Alívio da Fome
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SS - *Spe Salvi*
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 SOCIEDADE LÍQUIDA MODERNA NO PENSAMENTO BAUMANIANO	21
1.1 OS ANTECEDENTES.....	21
1.2 A SOCIEDADE NA MODERNIDADE SÓLIDA E LÍQUIDA	29
1.2.1 Sociedade na modernidade sólida	30
1.2.2 Sociedade na modernidade líquida	34
2 EVANGELII GAUDIUM: a resposta da fé cristã à modernidade líquida	43
2.1 UMA IGREJA EM SAÍDA.....	44
2.1.1 Os pobres: no coração do Evangelho e a economia de exclusão... ..	50
2.1.2 Desigualdade social gera violência	57
3 ENCONTRO COM A MODERNIDADE LÍQUIDA	67
3.1 A HUMANIDADE FERIDA NA SOCIEDADE LÍQUIDA	67
3.2 O COMPROMISSO SOCIAL NO CONTEXTO INDIVIDUALIZADO.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A humanidade, ao longo de sua história passou por transformações e adaptações que se refletiram na cultura, na linguagem e na economia. Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, ao estudar as mudanças, a radicalização do processo de transformação e dissolução das formas já estabelecidas na sociedade, resolveu denominar o período contemporâneo de modernidade líquida, ou seja, uma época caracterizada pela fragilidade e fragmentação.

Os pilares deste novo estágio da sociedade foram se desenvolvendo a partir do início da chamada História Moderna chegando aos dias atuais, onde os valores e princípios, as instituições e as formas de relacionamentos deixaram de ser tuteladas pela moral religiosa e pelo Estado e foram sendo transformadas pela lógica do capital e do consumo. Nesse processo o ser humano enfraqueceu sua noção de comunidade e fraternidade, conseqüentemente, ocorre a fragmentação da identidade diante de sua integralidade social e pessoal. A individualização do ser humano e a fragilidade de suas relações sociais são efeitos de um projeto de liquidez que individualiza e desumaniza.

Com o objetivo de salvaguardar os princípios fundamentais para o exercício de uma sociedade justa e solidária, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* propõe a toda Igreja e a toda a pessoa de boa vontade contribuir com a sociedade para uma “cultura do encontro”. Francisco deseja que, por meio da evangelização, a tristeza do individualismo seja transformada em alegria que impulsiona cada pessoa a sair de sua consciência isolada e egoísta em direção ao Outro com entusiasmo de fazer o bem.

Dito isso, dentro do processo de derretimento e fluidez nas relações onde o comprometimento com os vínculos que compõem uma comunidade perdem sua força natural de ser, este trabalho monográfico procura responder as seguintes questões: como propor um diálogo entre o anúncio da alegria do Evangelho e a modernidade líquida, buscando perspectivas para os problemas atuais? Quais são os apontamentos e compromisso que a Igreja recomenda a leigos e leigas na construção de uma sociedade de justiça e paz?

Compreendemos que o processo de exclusão e desigualdade promovido por estruturas baseadas em uma cultura do descarte exige da sociedade, de modo particular de todo cristão, o enfrentamento dessas realidades que degradam e subtraem o direito da pessoa humana à dignidade. Para tanto, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

convida as/os crentes a saírem de sua constituição rígida e ir ao encontro da sociedade em um exercício de diálogo, onde pontes possam ser construídas e minimizados os conflitos, gerando comunhão.

Desse modo, frente a essa problemática procuramos analisar as implicações decorrentes do processo de fragmentação e liquidez na sociedade partindo da obra *Modernidade líquida*, de Zygmunt Bauman, e proposta de Evangelização presente Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* em uma perspectiva eclesial. Apontando caminhos de superação para os desafios gerados na sociedade líquida e resgatando o compromisso social do cristão, na sua relação com a sociedade e consigo mesmo. Para atender a esse objetivo geral buscamos: a) compreender a sociedade no contexto da *Modernidade líquida* de Bauman; b) relacionar o processo de passagem da sociedade sólida para a sociedade líquida, no conceito baumaniano; c) compreender a proposta da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* no enfrentamento aos desafios atuais e a centralidade da evangelização; d) propor um diálogo entre os escritos de Bauman e a *Evangelii Gaudium* no intuito de apontar possíveis caminhos de superação do individualismo, da cultura do consumo e da exclusão.

Com vistas a alcançar o resultado indicado, levantamos as seguintes hipóteses de pesquisa: a) A transformação por que passa a sociedade caracterizada pela modernidade líquida influencia à promoção, na conjuntura atual, um processo de individualismo radical, fragilidades nas relações e conseqüentemente falta de compromisso social; b) A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* por meio de suas diretrizes traça caminhos possíveis para o enfrentamento das realidades de exclusão.

Com relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa desenvolvida foi de caráter qualitativo, exploratória, bibliográfica e documental.

Como forma de comprovar ou descartar as referidas hipóteses, estruturamos os resultados do presente trabalho em três capítulos.

No Capítulo 1, tratamos do desenvolvimento da obra *Modernidade líquida* para compreender a sociedade líquida-moderna no pensamento baumaniano. Já no capítulo seguinte, veremos o projeto de evangelização da exortação apostólica para a Igreja no enfrentamento dos desafios atuais da sociedade. No Capítulo 3, apontaremos possíveis caminhos para a superação e promoção da dignidade dos mais atingidos por essa cultura de consumo e do descarte.

O presente trabalho será encerrado com as Considerações Finais, em que serão apresentados aspectos destacados da pesquisa, com o

propósito de estimular novos estudos sobre o tema ou afins a este. Por ser um assunto complexo que exige uma análise mais aprofundada, o intuito desta pesquisa não é esgotar as possibilidades de diálogo, mas sugerir um possível caminho de esperança mediante a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e os documentos eclesiais.

1 SOCIEDADE LÍQUIDA MODERNA NO PENSAMENTO BAUMANIANO

A compreensão do pensamento baumaniano sobre a sociedade líquido-moderna, apesar de complexa, é fundamental para uma leitura reflexiva da atualidade. Ao elucidar o pensamento do sociólogo, vários questionamentos surgem e poderiam ser empreendidos nesta pesquisa, dentre os quais se vai optar pelas seguintes perguntas: em que sociedade Bauman fundamenta o seu pensamento? No segundo momento, quais os sinais e estágios desta modernidade que era sólida e passou a ser líquida e fluida? Partindo dessa reflexão, empreender-se-á uma breve análise apontando, neste capítulo, os possíveis fenômenos que exercem influência na vida pessoal, comunitária e social em uma sociedade fluida.

1.1 OS ANTECEDENTES

A história humana é marcada por variadas transformações, adaptações e inovações realizadas pela capacidade criadora da humanidade de possibilitar às sucessivas gerações novas formas de pensar e agir no mundo, em suas complexidades fenomenológicas.

Essas mudanças são marcadas pela ideia do “novo”. Esta característica de novidade, por vezes, extrapola a própria dinâmica do contexto histórico em seu desenvolvimento e é, ao mesmo tempo, um contraponto a tudo aquilo que é ultrapassado, antigo. É a ruptura ou o próprio esquecimento do passado.¹

Diante dessa realidade, podemos afirmar que a rapidez é fator que diferencia este momento da história de outros momentos, nas transformações e profundas mudanças em diversos âmbitos da sociedade, seja no campo econômico, intelectual e na própria relação do homem² com a sociedade.

A modernidade é uma emancipação, uma *saída* da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano. Este

¹ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. São Paulo: Unicamp, 2003. p. 178-179.

² Aqui entendido como humanidade.

processo ocorreria na Europa, essencialmente no século XVIII.³

A obra *Modernidade líquida*, de Bauman, trata este processo de mudança que se inicia na “gênesis da modernidade”,⁴ propriamente dita, até os tempos atuais, como uma modernização compulsivo-obsessiva.⁵ Portanto, trabalharemos a Modernidade líquida como um projeto de dissolução da modernidade histórica.

O período histórico denominado modernidade possui uma densidade histórica volumosa. Destaco abaixo os acontecimentos filosóficos e científicos que influenciaram o processo de “derretimento” das estruturas e das instituições. Para melhor compreensão desse processo de mudança, destacamos a racionalidade e a subjetividade como algumas iniciativas fundamentais que possibilitaram à sociedade uma transição do período medieval para o moderno, no final do século XVIII.⁶

A idéia de **racionalidade** desenvolveu-se por meio da filosofia cartesiana e mais tarde com a corrente iluminista.⁷ René Descartes filósofo, considerado o pai do Racionalismo, difundiu a ideia segundo a qual a razão é o caminho do conhecimento para se chegar às verdades universais, e por meio da filosofia racionalista-mecanicista desenvolveu o método matemático dedutivo. Entre seus ensinamentos, o novo racionalismo e o mecanicismo foram os que mais influenciaram o Iluminismo.⁸

³ DUSSEL, E. **Europa, modernidade e eurocentrismo**: a colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 4.

⁴ Segundo Giddens, modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiu na Europa a partir do século XVII. E que posteriormente se tornou mais ou menos mundiais em sua influência. Isso associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial. (GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad: Raul Finker. São Paulo: UNESP, 1991. p. 10).

⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérprete**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b. p. 11.

⁶ GEFFRÉ, C.; JOSSUA, Jean Pierre. Interpretação teológica da modernidade. **Concilium**. Petrópolis: Vozes, n. 244, p. 783-787, 1992. p. 785.

⁷ BURNS, McNall Burns. **História da civilização ocidental**: do homem das cavernas até a bomba atômica, v.1. 22. ed. Trad. Lourival Gomes Machado; Lourdes Santos Machado. Porto Alegre: Globo, 1979. p. 546-547.

⁸ BURNS, 1979, p. 546-448.

A origem do Racionalismo tem suas raízes no período do renascimento cultural dos séculos XIV ao XVI, que, basicamente, se caracterizou pelo individualismo, otimismo, naturalismo e hedonismo.⁹ Foi um despertar da cultura greco-romana em um contexto em que predominavam os costumes tradicionais da cristandade.¹⁰

A época nova, caracterizada de um novo mundo, exigia também uma filosofia nova, porque nascia de um novo método. Necessitava de um método capaz de fundar uma nova metafísica que, de uma parte, estivesse aberta às novas descobertas científicas, de outra, conseguisse guiar a própria ciência.¹¹

Os traços do secularismo presentes no Renascimento representaram mudanças na raiz do pensamento moderno e exerceram importante influência no âmbito sociopolítico e religioso. Assistia-se ao surgimento da classe burguesa que ascendia concomitantemente às expansões ultramarítimas (era dos descobrimentos) nos séculos XV a XVI, realizadas pelas expedições da civilização europeia, e no propósito de formação das grandes colônias de exploração.¹²

Neste sentido também pode ser denominado como um período da Revolução Mercantil que, além da ascensão da burguesia no domínio da economia, trouxe o restabelecimento da escravidão; afetou também os meios de produção manufatureira e a sua estrutura organizacional medieval; eliminou paulatinamente o sistema de produção familiar, descentralizando-o, e formando sociedades comerciais ou companhias regulamentadas, preparando assim o caminho para a Revolução Industrial.¹³

⁹ MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César A. **História moderna e contemporânea**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1999. p. 39.

¹⁰ MELLO, 1999, p. 39.

¹¹ TEIXEIRA, Evilázio. **Modernidade e pós-modernidade: luzes e sombras**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano 4, n. 50, p. 1-21, 2006. p. 2. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/050cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 19 Ago. 2020.

¹² SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 382.

¹³ BURNS, 1979, p. 505-506.

Burns afirma que o mercantilismo, em seu sentido amplo, pode ser conceituado como:

um sistema de intervenção governamental para promover a prosperidade nacional e aumentar o poder do Estado. [...] A teoria mercantilista incluía também certos elementos de nacionalismo econômico, paternalismo e imperialismo.¹⁴

Por isso as marcas da dissolução até aqui, segundo Bauman, demonstram que os referidos fenômenos socioeconômicos são as raízes do processo de fragmentação e liquidez. Em síntese, os fatores históricos ocorridos no período moderno, prepararam o terreno para o racionalismo, o mercantilismo, individualismo, hedonismo e o subjetivismo.

Nesse mesmo cenário de evolução histórico da modernidade, a Igreja, enquanto força religiosa e política, desempenhou um forte papel no processo de colonização com as expedições missionárias. Essas expedições foi motivo de discussões na reflexão acadêmica devido às posições que sustentam a ideia de que a Igreja era uma instituição que, subordinada ao Estado, servia de instrumento para a dominação política e social nas colônias.¹⁵

Na sequência da composição histórica, temos a formação do Estado moderno ou estados nacionais que significaram uma maior centralização de poder, demarcações territoriais e a unificação do sistema monetário. Essa formação no início da modernidade pode ser interpretada da seguinte maneira:

O componente emancipatório da modernização foi encarnado no Estado-nação, o qual introduziu os princípios de cidadania, dever, burocracia, direitos e responsabilidades institucionais e, não menos importante, de fronteiras. Estas últimas são as do Estado-nação, construídas em torno da

¹⁴ BURNS, 1979, p. 497-498.

¹⁵ AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 109-120, dez. 2004, p. 111. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10027/11599>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

linguagem, da geografia, da história, da cultura e da política.¹⁶

O aparecimento da burguesia impulsionou as transformações da sociedade e da economia, resultando assim numa nova época que foi denominada: a era do capital.¹⁷ À classe burguesa, originalmente, pertenciam pessoas que nasciam nas pequenas cidades, os burgos. Com o desenvolvimento das atividades comerciais, esse grupo era composto por comerciantes e proprietários dos meios de produção e obteve gradativamente força política, inviabilizando o sistema político monárquico.¹⁸

O exemplo mais latente desse protagonismo burguês aconteceu na Revolução Francesa, onde as instituições monárquicas, até então estabelecidas, viram-se interpeladas por uma classe que já dominava a economia, mas ainda ansiava pelo pleno espaço na política.

A nobreza perdeu poder social com a expansão do setor monetário da economia, enquanto aumentava o poder das classes burguesas. Mas, de modo geral, nenhum dos dois estados mostrou ser forte o suficiente para obter a predominância por um período prolongado.¹⁹

Esse terreno de profundas transformações proporcionou um impulso na sociedade e no meio intelectual, que culminou com a revolução intelectual do século XVII ao XVIII. Nestes séculos, destacaram-se os intelectuais: John Locke, com a teoria do

¹⁶ SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Revista Scientiae Studia**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, mar. 2008, p. 46. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n1/a02v06n01.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

¹⁷ HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. 5. ed. Trad. Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 15.

¹⁸ PROTI, Thiago. Burguês! A irreflexão que nega o direito de ser. **Revista VirtuaJus**. Belo Horizonte, v.12, n. 28, p. 254-263, 14 dez. 2016, p. 257. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/13777>>. Acesso em: 11 Agos. 2020.

¹⁹ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização**, v. 2. Trad. Ruy Jugmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 19.

conhecimento da tábula rasa; e Isaac Newton, com o princípio da gravidade.²⁰

Esses precursores da revolução intelectual deram sustentação ao movimento iluminista que surgiu durante o século XVIII e herdou os princípios de Descartes e Newton:

A razão é o único guia infalível para se chegar ao conhecimento da sabedoria; o universo é uma máquina governada por leis físicas que podem ser determinadas e estudadas, não se submetendo a interferência de cunho divino, como milagres por exemplo.²¹

As representações intelectuais no Iluminismo destacaram-se na elaboração dos modelos políticos, de modo particular, as teorias do liberalismo político e do liberalismo econômico. A democracia nesse período não pode ser entendida na concepção do contexto atual.²²

O segundo pilar que sustenta esse processo da *Modernidade líquida*, a **subjectividade**, pode ser caracterizada pelas revoluções políticas. Mais especificamente pela Revolução Francesa e pelos movimentos religiosos de contestação que surgiram na Europa Ocidental contra a autoridade que a religião exercia na sociedade e, também, por questões doutrinárias, tendo como expoente a Reforma Luterana.²³

Os fatores que levaram à Revolução Francesa, de acordo com Burns, foram: políticos, econômicos e intelectuais. As guerras políticas que foram empreendidas resultaram em fiascos e foram decisivas para a revolta francesa: a derrota na Guerra dos Sete anos (1756-1763) e a intervenção, em 1778, na Guerra da Independência Americana que, apesar da vitória, culminou com uma crise financeira.²⁴

Para Ernest Labrousse, a Revolução Francesa aconteceu devido à grande crise financeira, gerada pelas guerras.

²⁰ MELLO, 1999, p. 104.

²¹ MELLO, 1999, p.105.

²² MELLO, 1999, p. 105-106.

²³ MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**: de Lutero aos nossos dias. A era da Reforma, v. 1. Trad. Orlando Soarez Moreira. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 51.

²⁴ BURNS, 1979, p. 592.

Pode-se dizer, a grosso modo, que sem a guerra americana não teria havido crise financeira [...]. Como acontecimento histórico, a Revolução teve sua origem em um fato político, mas também em um fato econômico com derivações financeiras: a recessão.²⁵

Os motivos econômicos tiveram sua origem no descontentamento da classe média formada, pelos comerciantes e industriais que se fortaleciam na sociedade, mas não exerciam influência na corte, ou seja, não tinham a força política no *Ancien Régime*.²⁶

É importante notar nesse contexto que as forças da estrutura econômica, ou do próprio capitalismo nascente, começaram a se desdobrar na política do século XVIII e na conquista da Revolução, aliando-se, efetivamente, aos ditames do poder político.

E, por fim, a revolta francesa fundamentou-se inicialmente nas correntes iluministas ligadas ao *liberalismo* de John Locke, François Marie Arouet, cujo pseudônimo literário era Voltaire; Charles-Louis de Sécondat, conhecido como Montesquieu; e na *democracia* defendida por Jean-Jacques Rousseau. Embora essas correntes de pensamento interpretassem de forma diferente o movimento revolucionário, tinham, contudo, uma base comum: a defesa da soberania popular.²⁷

Voltaire, o mais representativo da nova forma política do século XVIII, defendeu na Europa o *despotismo esclarecido*.²⁸ Era um crítico do absolutismo tendo como seus principais alvos a nobreza e o alto clero da igreja. Entretanto, a favor do regime monárquico, ao estilo inglês.²⁹

²⁵ LABROUSSE, Enest. **La crisi dell'economia francese alla fine dell'Antico Regime e all'inizio della Rivoluzione**: Come Nascono le Rivoluzioni. Economia e política nella Francia del XVIII e XIX secolo. Torino. Bollati Boringhieri, 1989. p. 86. (Tradução do autor).

²⁶ BURNS, 1979, p. 592.

²⁷ BURNS, 1979, p. 599-600.

²⁸ “O despotismo esclarecido é uma expressão que designa uma forma de governar característica da Europa continental da segunda metade do século XVIII que, embora partilhasse com o absolutismo a exaltação do Estado e do poder do soberano, era animada pelos ideais de progresso, reforma e filantropia do Iluminismo, mas, por outro, não eram aceitas todas as ideias do Iluminismo, porque sua concretização dependia do próprio déspota”. (In: CORVISIER, André. **O mundo moderno**. Lisboa: Edições Ática, 1976. p. 407).

²⁹ MELLO, 1999, p. 106.

Até mesmo no Brasil, sob a regência de Portugal, o Marquês de Pombal, ministro do Rei D. José I, foi um expoente promotor do despotismo esclarecido, chegando a expulsar os jesuítas do Brasil.³⁰

Montesquieu, iluminista de origem nobre, era um dos notáveis nomes da França: filósofo, político e escritor. Desenvolveu a teoria da separação dos poderes: executivo, legislativo e judiciário, que restringia a autoridade absoluta dos reis.³¹ Esta teoria da separação dos poderes é adotada até hoje nos países democráticos.

Esses pensamentos estavam em oposição à mentalidade da Idade Média. Os valores tradicionais religiosos se ligavam à filosofia escolástica metafísica.

Essa transição da Idade Média para a Idade Moderna apresentou um conflito entre o dogmatismo, a autoridade e as liberdades individuais.³² Nesse sentido, o homem passa a reivindicar sua livre autonomia para tomada de decisões. Segundo Teixeira, o indivíduo moderno passa a ser descrito como sujeito. O referido autor, apresenta algumas características:

O sujeito vem concebido sob o imperativo da liberdade individual e autonomia, autodeterminação e auto-realização. [...] O sujeito moderno se compreende não somente como único e original, mas também como individual, ou ainda como solitário.³³

Giddens trata a modernidade como uma ordem *pós-tradicional*,³⁴ em que o sujeito está voltado para si, longe dos imperativos da religião, livre das amarras da autoridade, sendo capaz, pela própria e pura razão, alcançar a verdade das coisas.

³⁰ ZANGHENI, Guido. **A Idade moderna**: curso de história da Igreja III. São Paulo: Paulus, 2014. p. 284-285.

³¹ MELLO, 1999, p. 106-107.

³² MANCEBO, Deise. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 22, n. 1, p.100-111, mar. 2002, p. 101. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000100011>>. Acesso em: 14 mai. 2019.

³³ TEIXEIRA, 2006, p. 4.

³⁴ GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 25.

Sabe-se que o progresso advindo da modernidade tem suas raízes no próprio ambiente que se manifestou em épocas precedentes, caracterizadas pelos movimentos advindos do Renascimento, da Revolução Intelectual e da Revolução Francesa, e mais tarde da Revolução Industrial.³⁵

Esses movimentos são importantes pelo seu alcance amplo e mais significativo, solidificando as categorias do pensamento moderno e, ao mesmo tempo, dissolvendo-se para dar continuidade às novas categorias. É neste sentido que os antecedentes resultantes do processo histórico, da racionalidade e da subjetividade contribuem para a compreensão da sociedade na modernidade líquida.

1.2 A SOCIEDADE NA MODERNIDADE SÓLIDA E LÍQUIDA

Partindo da análise contextual-histórica dos conceitos de racionalidade e subjetividade, é possível perceber duas realidades já analisadas por Bauman. O primeiro momento histórico com características ligadas à expressão de solidez. O desdobramento histórico até os dias atuais é denominado modernidade líquida.

O referido autor caracteriza a **modernidade sólida** pela presença de: excesso de ordem, repressão, dureza, regulação, certeza, rigidez e inflexibilidade nos comportamentos sociais. E quando se refere à **modernidade líquida**, afirma prevalecer: incerteza, mudanças rápidas e imprevisíveis. A sociedade está muito mais conectada com seus desejos e sonhos e os exercem com liberdade. Aparece nessa nova forma de configuração social: o individualismo, a volatilidade e a fluidez das relações. Aos indivíduos recai a responsabilidade pelos atos e decisões tomadas e passa a ser fundamental compreender as consequências das ações.³⁶

Nessa direção, Bauman salienta que:

[...] Se o *espírito* era *moderno*, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da *mão morta*

³⁵ BLAYNEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento, 2008. p. 37.

³⁶ BAUMAN, Zygmunt. Milênio: a fluidez do 'mundo líquido' do Zygmunt Bauman. **Programa Globo Milênio**, 8 Dez. 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/milenio/video/milenio-a-fluidez-do-mundo-liquido-do-zygmunt-bauman-4661254.ghtml>> Acesso em: 07 abr. 2020.

de sua própria história - e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo).³⁷

Os seres humanos exercem livremente suas ações à medida da própria razão. Nesse sentido, o papel da autoridade deve ser dissolvido, pois apenas pela via da racionalidade é possível chegar à verdadeira forma das coisas.

Podemos nos perguntar se, no contexto atual, essa dinâmica entre economia e política ainda determina o desenvolvimento da sociedade. Bauman tenta nos responder, ao afirmar que:

A atual fase de transformação progressiva da ideia de 'cultura' - desde sua forma original, de inspiração iluminista, até sua reencarnação líquido-moderna - é estimulada e administrada pelas mesmas forças que promovem a emancipação dos mercados em relação aos vínculos remanescentes de natureza não econômica: os vínculos sociais, políticos, éticos etc.³⁸

Como se pode perceber, as forças atuantes que liquefazem os sistemas e estruturas da sociedade e sua cultura atuam de maneira rápida e progressiva. O processo inicia-se nas instituições para alcançar a fase atual, a dissolução dos vínculos sociais. Essas duas fases, supracitadas, são desenvolvidas de maneiras aparentemente opostas, mas com uma finalidade: dissolver os sólidos, tudo aquilo que possa persistir no tempo.

1.2.1 Sociedade na modernidade sólida

No período em que se desenvolvia a Revolução Industrial, a humanidade se via no imenso avanço das tecnologias que resultou na mecanização das indústrias. Tal mecanização contribuiu para a

³⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 9. [grifo do autor]

³⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010a. p. 35.

produção em larga escala. A insaciável busca pelo maior volume de produção fez com que, rapidamente, as invenções fossem aperfeiçoadas.³⁹ Para Bauman, “[...] a modernidade pesada é obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo ‘quanto maior, melhor’, tamanho é poder, volume é sucesso”.⁴⁰

A procura por essa estabilidade acontece na segunda fase da Revolução Industrial, especialmente, com o modelo de produção fordista. Para Bauman, “[...] o fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase *pesada*”.⁴¹ Para tornar os meios de produção administráveis era necessário alcançar todas as etapas do processo, do operar ao produto final e, por conseguinte, os consumidores. Ver-se-á, sobretudo, na vida familiar desse estágio pesado a inserção do mercado de trabalho na rotina diária das famílias.

Sérias implicações éticas envolviam o funcionamento do referido modelo devido ao excesso de controle exercido sobre os operários, em função de um processo produtivo que beneficiava exclusivamente o detentor do capital, o capitalista. Pois, seu funcionamento na sociedade perpassava todo o *modus vivendi* da massa operária.

A educação, o treinamento, a persuasão, a mobilização de certos sentimentos sociais (a ética do trabalho, a lealdade aos companheiros, o orgulho local e nacional) e propensões psicológicas (a busca da identidade através do trabalho, a iniciativa individual ou solidariedade social) desempenham um papel claramente presente na formação de ideologias dominantes.⁴²

A novidade que Henry Ford traz para a economia – uma intervenção direta no mercado de produção, na vida dos operários que eram produtores e ao mesmo tempo consumidores – corresponde ao intuito de criar um “novo homem” aos moldes modernos sob a tutela dos poderes corporativistas de regulamentações.⁴³

³⁹ BURNS, 1979, p. 664-665.

⁴⁰ BAUMAN, 2001, p. 144.

⁴¹ BAUMAN, 2001, p. 75. [grifo do autor]

⁴² HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994. p. 119.

⁴³ HARVEY, 1994, p. 121-122.

Bauman, em sua obra *Modernidade líquida*, nos fala da história de Orwell e Huxley sobre “o discurso de Joshua,” que defende a tese da incapacidade do ser humano viver sem um poder que o tutele ou governe. Apesar dos princípios de liberdade individual e liberdade de consciência serem defendidos pelas correntes iluministas, a assimilação do sistema econômico nas relações criou uma nova forma de regulação social, porque não dizer um novo modelo de dominação.⁴⁴

Para isso, a ordem é o princípio fundamental na formação da sociedade desejada, que é ordeira, constituída por regras e estabilidade, tanto em nível macro, ou seja, o do Estado, das instituições de regulamentação, quanto no micro, o das famílias, das relações de trabalho e dos vínculos de amizade.

As pessoas estão fixas a modelos determinados, as comunidades apenas mantêm as pessoas reunidas, mas sem nenhum propósito além de que tudo possa estar em ordem, e a sociedade apenas mantêm o ordenamento de tudo o que existe para que nada fique de fora do padrão estabelecido.⁴⁵

Nessa direção, Bauman acrescenta que a ordem não necessita de legitimidade para existir, pois se trata de uma necessidade inerente ao coletivo social.⁴⁶ O que justificaria o Estado moderno reivindicar a sua autoridade sobre a sociedade, e para isso seria necessário a sua interferência ativa e efetiva em todos os aspectos da vida humana, se necessário, a aplicação da força para assegurar a ordem.⁴⁷ Essa legitimidade burocrática do Estado pode ser comparada ao que houve no Nazismo:

Vale ressaltar que essas características não são privativas dos campos de concentração, podendo ser encontradas em maior ou menor grau nas diversas organizações que existem nas sociedades industriais contemporâneas. Acontece que os

⁴⁴ BAUMAN, 2001, p. 70-71.

⁴⁵ IAROCHEVSKI, Ederson. **Relações humanas na modernidade líquida: luz e alento a partir de Aparecida**. 106 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Instituto Teológico de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 15.

⁴⁶ BAUMAN, 2001, p. 72.

⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Trad. Aguiar, Renato. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 19-21.

campos levaram alguns desses traços ao seu limite, inclusive ao moralmente intolerável, para os próprios padrões dessas sociedades.⁴⁸

Desse modo, a figura humana moderna pragmática e utilitarista que por decisão rompe os valores tradicionais “[...] se encontra em prolongado afastamento de Deus”,⁴⁹ legando a tarefa moral, que antes era algo exclusivo da religião na sociedade, para um compartilhamento com cada indivíduo, todavia, representada pela classe dominante, pelo *establishment* do mercado financeiro.

Segundo Bauman:

O capitalismo pesado, no estilo fordista, era o mundo dos que ditavam as leis, dos projetistas de rotinas e dos supervisores, o mundo de homens e mulheres dirigidos por outros, buscando fins determinados por outros, de modo determinado por outros.⁵⁰

Aquilo que pertencia somente à esfera econômica se torna *status quo* da sociedade sólida, uma interferência que ultrapassa a relação de produção e chega à vida cotidiana do proletariado.⁵¹ Marx em seu manuscrito apontava esta situação e apelava para condições mais humanas.⁵²

⁴⁸ WOHLAND, Milan. Campos de concentração como organização burocrática: notas para estudo. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 49-53, jun. 1983, p. 50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v23n2/v23n2a05.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

⁴⁹ BAUMAN, 2001, p. 73.

⁵⁰ BAUMAN, 2001, p. 83.

⁵¹ Segundo Harvey, “Ford enviava um exército de assistentes sociais aos lares dos trabalhadores, [...] para ter certeza de que o ‘novo homem’ da produção de massa correspondesse às necessidades e expectativas da corporação”. (HARVEY, 1994, p.122).

⁵² [...] o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruina o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário,

O Estado Moderno era muito mais ambicioso. Ele buscava interferir em todos os aspectos da vida humana a fim de controlá-la, monitorá-la, registrá-la, regulamentá-la, administrá-la e gerenciar todos os setores da vida antes deixados à preocupação dos praticantes desta vida.⁵³

A rapidez da mudança, segundo Giddens, em relação à modernidade é extrema.⁵⁴ E, nessa velocidade a distopia da sociedade sólida sofre a influência “dos poderes de derretimento”. E assim, como todo sólido, a sociedade pesada vai sendo transformada, derretida.⁵⁵

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.⁵⁶

Portanto, esse movimento de constante dissolução apresentará novas formas, as tecnologias mudarão cada vez mais a dinâmica da sociedade nas relações pessoais, e na relação sociedade e sistema econômico, afetando assim, as instituições já estabelecidas.

1.2.2 Sociedade na modernidade líquida

As tecnologias influenciaram sobremaneira o conjunto da sociedade moderna, na relação de trabalho, na política e no sistema econômico. As inserções de novos meios tecnológicos contribuíram para mudanças de paradigmas, como vimos, anteriormente, na

mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. (MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Botempo, 2004. p. 82-83).

⁵³ BAUMAN, 2016, p. 20.

⁵⁴ GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad. Raul Finker. São Paulo: UNESP, 1991. p. 15.

⁵⁵ BAUMAN, 2001, p. 13-14.

⁵⁶ BAUMAN, 2001, p. 10.

Revolução Industrial, como o exemplo da relação do capital com o trabalhador.

Na sociedade presente à modernidade líquida emerge um mundo de sinais confusos e vazios, por não conservar sua forma por muito tempo. Alguns sinais demonstram as características dessa nova transição para uma sociedade em um ritmo mais intenso e vertiginoso: de aparelhos celulares aos novos *smartphones*, dos televisores de tubo aos *smart* televisores digitais e inteligentes; do primeiro automóvel que atingia velocidade máxima de 16Km/h ao mais sofisticado que alcança 300Km/h.

Santos, ao refletir sobre a relação do ser humano e os objetos em si e sua finalidade, dialoga com Moles e Baudrillard⁵⁷. Para Moles, o objeto que é criado pelo ser humano pertence ao mundo exterior, por isso deve ser assumido e/ou manipulado, enquanto, Baudrillard, o objeto é aquilo que, ao ser usado adquire um simbolismo, significado.⁵⁸ Diante destas ideias, Santos observa que: “[...] vivemos o tempo dos objetos” [...] ‘ontem’ os objetos nos eram subordinados, enquanto que ‘hoje’, estes se apoderam de nosso cotidiano”.⁵⁹

Silveira, seguindo o pensamento de Santos, escreve:

[...] qualquer coisa, ao fazer parte do social, se torna objeto; isso se explica pela necessidade e intencionalidade operacional que a mesma possui [...]. O valor e o significado do objeto residem no papel que empenna no processo social.⁶⁰

Mesmo que os objetos sejam suscetíveis à manipulação, ou que desempenhem funções que lhes são atribuídos por um indivíduo ou grupo social, esses mesmos objetos são capazes de redefinir a percepção do indivíduo enquanto *status* sociocultural e antropológico.

⁵⁷ SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 54.

⁵⁸ SANTOS, 1997, p. 54.

⁵⁹ SANTOS, 1997, p. 213.

⁶⁰ SILVEIRA, Samuel. **Objeto de estudo geográfico em Milton Santos**: em busca da sistematização da vida. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- de Geografia, Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007, p. 21. Disponível em: <<http://www.novos cursos.ufv.br/graduacao/ufv/geo/www/wp-content/uploads/2013/08/Samuel-Silveira.pdf>>. Acesso em: 3 Jun. 2020.

Portanto, esse movimento de constante dissolução apresentará novas formas, as tecnologias mudarão cada vez mais a dinâmica da sociedade e as relações pessoais e as relações com o mercado, afetando, assim, as instituições já estabelecidas.

A tecnologia provoca inovações que alteraram e continuam alterando a maneira com que o indivíduo se relaciona consigo mesmo, com o mundo e com o meio de produção.

De acordo com Bauman,

Os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’- ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social. [...] Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação.⁶¹

Se na era industrial do século XIX a ordem era marcada pela noção de coletividade, estabilidade e a certeza expressa pelo modelo fordista, ou até mesmo pela própria ideia de autoafirmação do nacionalismo, no momento atual, essa consciência é substituída pela radicalização do indivíduo moderno, dando espaço a um desenvolvimento desordenado motivado por um sistema de dimensão socioeconômica, onde o consumo se torna objeto de manipulação das liberdades individuais e o indivíduo passa a ser objeto a ser consumido.

Segundo Bauman:

Objetivo crucial decisivo, do consumo na sociedade de consumidores [...] não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: elevar a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis.⁶²

A comodificação no sentido clássico da palavra sugere a transformação de um bem em mercadoria.⁶³ Em decorrência, isso afeta

⁶¹ BAUMAN, 2001, p. 15.

⁶² BAUMAN, Zygmunt. **Sociedade de consumo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. p. 76.

⁶³ BECK, Ceres Grehs. As múltiplas faces da comodificação e a constituição da crítica acerca das práticas de consumo contemporâneas. São Leopoldo: **Instituto Humanitas da Unisinos**, 2017, v. 53, n. 1. p. 136-147, jan./abril, p.

diretamente um conjunto de elementos fundamentais da vida humana, que estão, paulatinamente, se deteriorando: a fragilidade nas relações sociais, por consequência, a falta de compromisso social e a própria incapacidade de construção da identidade pessoal ou a falta de relação de pertencimento.

As instituições financeiras proporcionam ao indivíduo uma infinidade de possibilidades para este alcançar a satisfação em benefício próprio, por meio do consumo. Essa relação de consumo e consumidor, aparentemente, não parece ser danosa, até o momento em que a prática vai se transformando, aos poucos, em compulsão de compra, tomando parte em algo, em um vício que necessita constantemente ser retroalimentado e estimulado.⁶⁴ Onde há muitas possibilidades, geram-se também muitas incertezas, assim diz o sociólogo:

Não importa o quanto tentamos, nunca estaremos em dia com o que aparentemente nos é oferecido. Vivemos um tempo em que estamos constantemente correndo atrás. O que ninguém sabe é correndo atrás de quê.⁶⁵

Segundo Retondar, o indivíduo da sociedade de consumo está sempre insatisfeito, o que estimula nele a compulsão de consumir. O drama não se encontra na necessidade de sanar esse ou aquele desejo, mas no viver constantemente angustiado por aquilo que anseia.⁶⁶

Afirma Giddens que o indivíduo, desde a tenra idade, sente a necessidade de ter um referencial de segurança que é percebida desde

136-137. 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2017.53.1.14/5970>. Acesso em: 24 jun. 2019.

⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008c. p. 7-35.

⁶⁵ MONTEIRO, Karla. Zygmunt Bauman: Estamos constantemente correndo atrás: o que ninguém sabe é correndo atrás de quê. **O Globo On-Line**, 27 abril 2009. Não Paginado. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/zygmunt-bauman-estamos-constantemente-correndo-atras-que-ninguem-sabe-correndo-atras-de-que-273321.html>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

⁶⁶ RETONDAR, A. M. A. (Re) construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 137-160, jan. /abril. 2008, p. 138. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v23n1/a06v23n1.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

cedo na interação com o vínculo familiar. A falta do referencial gera ansiedade, que é diferente do medo.⁶⁷ E esta constante sensação de insegurança na sociedade líquida gera no indivíduo uma ameaça na percepção de sua auto-identidade, ou seja, uma identidade fragmentada, marcada pela insegurança de si na relação com outro.

A sociedade líquido-moderna tornou-se um lugar não mais de pessoas, mas de consumidores. À medida que o indivíduo consome, ele exerce sua liberdade individual e quer conforme a possibilidade de consumir construir uma aparente identidade, baseada naquilo que lhe é paulatinamente oferecido.⁶⁸

Nesse contexto, Bauman salienta que:

Num mundo em que coisas deliberadamente instáveis são a matéria-prima das identidades, que são necessariamente instáveis, é preciso estar constantemente em alerta; mas acima de tudo é preciso manter a própria flexibilidade e a velocidade de reajuste em relação aos padrões cambiantes do mundo ‘la fora’.⁶⁹

Em tempos líquidos, nada foi feito para durar. Como construir uma identidade sólida, permanecer nela e ao mesmo tempo não correr o risco de não acompanhar os padrões da moda que constantemente se atualizam? É possível afirmar que a insegurança e a incerteza na vida e nas relações provêm, como uma das causas, da fragmentação da identidade do indivíduo moderno.

Nesse estágio da modernidade líquida surgem, por assim dizer, diversas *autoridades*, cujo poder exercido não tem muita durabilidade.⁷⁰ Entre elas destacam-se as mídias todas, incluindo as tradicionais (televisões, rádios etc.), enquanto diretamente comprometidas com a coisa econômica e de controle social, que expõem a vida privada de novos artistas, modelos, jogadores de futebol, no intuito de apresentar as

⁶⁷ Para Giddens, “o medo está ligado a um perigo de um objeto específico, enquanto a ansiedade é um estado geral das emoções. Se o primeiro reage à fonte da ameaça, a segunda responde de forma passiva, paralisante diante do perigo”. (GIDDENS, Anthony, 2002. p. 46).

⁶⁸ BAUMAN, 2001, p. 108.

⁶⁹ BAUMAN, 2001, p. 110.

⁷⁰ BAUMAN, 2001, p. 83.

melhores formas de viver bem, e as propagandas comerciais, que induzem a sociedade a falsas necessidades.

Ser consumidor é fazer escolhas do que comprar, de como pagar e gerir o seu dinheiro sem qualquer interferência institucional ou de terceiros. As necessidades dos consumidores são ilimitadas e insaciáveis. Sendo uma consequência da sofisticação, da imaginação e da personalização dos desejos e necessidades, e também da exigência do sistema capitalista para a sua própria sobrevivência.⁷¹

Para manter-se, o sistema econômico necessita paradoxalmente transformar-se constantemente e os consumidores, acompanhando esse ritmo intermitente, são estimulados emocionalmente ao consumo e tampouco à sobriedade daquilo que é realmente necessário; é a “economia do engano”. O que se produz no presente se tornará antigo e ultrapassado. E o que não tem mais utilidade é descartado⁷². Essa evolução é a representação apropriada à sociedade líquida.

A incerteza dos acontecimentos futuros faz do *instante* uma realidade mais acessível que a possibilidade de um futuro incerto. Se no passado a fotografia guardava momentos únicos e importantes, na atualidade cada *flash* tem um desejo de ser eterno, mesmo que por um instante.

Assim, a incerteza, para Bauman,

é o *habitat* natural da vida humana - ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compostas da felicidade. É por isso que a felicidade ‘genuína, adequada e total’ sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o

⁷¹ SEREDA, Alessandra *et al.* Sociedade e consumo: análise de propagandas que influenciam o consumismo infantil. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 14, n. 2359, 16 dez. 2009. Não paginado. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/14028>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

⁷² BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a. p. 65.

horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele.⁷³

A velha e tradicional televisão é também tão manipuladora quanto às formas mais contemporâneas de alienação, são campos abertos para a promoção e exposição de variados segundos que são comercializados via *internet*: o prato com a comida que a pessoa sente a necessidade de publicar, a hora de acordar, de dormir, a academia, entre tantas outras. Uma verdadeira enxurrada de momentos que vão se tornando, a cada nova possibilidade, lixo cibernético. Uma sociedade de descarte e de consumo.

É possível então dizer que o ser humano, em detrimento da lógica de consumo, se tornou ele mesmo um produto. Sendo o indivíduo um produto a ser consumido, o que é feito com aqueles que não têm mais utilidade? A resposta desse questionamento apontará para uma crise antropológica pelos quais os pobres são os mais afetados:

[...] os pobres, despojados dos recursos necessários para responder às seduções dos mercados de consumo, precisam de dinheiro- não dos tipos de serviço oferecidos pelo Estado assistencial- para se tornarem úteis à concepção capitalista de ‘utilidade’.⁷⁴

Além da fragmentação da identidade, é possível perceber um forte favorecimento no aumento das desigualdades sociais. Na sociedade líquida, o ato consumir define a identidade e o status social, mesmo que, de modo aparente e momentâneo, sendo assim, qual o destino daquelas/es que não podem consumir? Descartar, excluir.

Com um olhar voltado para o compromisso social, Giddens revela que, nessa modernidade se manifesta uma verdadeira falta de sentido pessoal, que poderia levar o indivíduo a um comprometimento moral para com os outros, pois isso garante uma plena existência.⁷⁵ Essa falta de sentido obstaculiza a formação de relações sociais em que impere a confiança e o comprometimento.

⁷³ BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009a. p. 37. [grifo do autor]

⁷⁴ BAUMAN, 2010a, p. 32.

⁷⁵ GIDDENS, 2002, p.17.

A falta de compromisso nas relações mostra-se uma característica latente do mundo fluído. Segundo os dados do IBGE, em 2016, o aparelho celular foi o mais utilizado para acessar *internet*, usado por 94,6% dos internautas no Brasil; 77,1% da população brasileira tinha algum celular e 94,6% utilizavam aplicativos de bate-papo.⁷⁶

Os dois tipos de espaços, ocupados pelas duas categorias de pessoas, são marcadamente diferentes, mas inter-relacionados; não conversam entre si, mas estão em constante comunicação; têm muito pouco em comum, mas simulam semelhança. Os dois espaços são regidos por lógicas diferentes, moldam diferentes experiências de vida.⁷⁷

Anteriormente, vimos que a dissolução do indivíduo no mercado de consumo ocasionou uma fragmentação em sua própria identidade, gerando um sujeito fragmentado. Esse esvaziamento produzido pelo consumo exagerado penetrou o indivíduo e alcançou as relações sociais. A precariedade nas condições dos relacionamentos é marca da fluidez.

Essa fragmentação social para Bauman está associada à relação de consumo:

[...] entre a ‘consumização’ de um mundo precário e a desintegração social dos laços humanos. Ao contrário da produção, o consumo é uma atividade solitária, irremediavelmente solitária, mesmo nos momentos em que se realiza na companhia dos outros.⁷⁸

A sociedade de consumo caracteriza o estágio atual da modernidade líquida. Os indivíduos são levados a construir sua própria identidade baseada na aquisição dos padrões que essa sociedade líquida e consumista oferece. Como vimos é um caminho solitário, pois a satisfação é pessoal e individual, não pode ser compartilhada. Por ser

⁷⁶ IBGE/PNAD. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016**. Não paginado. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

⁷⁷ BAUMAN, 2001, p. 201.

⁷⁸ BAUMAN, 2001, p. 206.

mais um entre tantos outros produtos a serem consumidos, a relação social e os laços sociais se tornam fluídos e débeis.

Portanto, se nessa sociedade caracterizada pela liquidez não há comprometimento com as relações sociais, com o outro e com todas as implicações advindas das relações políticas, culturais e econômicas, o que sobra para os que se encontram em vulnerabilidade social? Para esses grupos o descarte é o destino, como veremos no capítulo seguinte. O que o magistério da Igreja propõe diante dessa realidade? É o que veremos no próximo capítulo, abordando a *Evangelii Gaudium*.

2 EVANGELII GAUDIUM: a resposta da fé cristã à modernidade líquida

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, traz para o contexto atual reflexões aprofundadas sobre os diversos problemas inerentes à sociedade hodierna. Apesar de seus avanços nas áreas das ciências tecnológicas e sociais, esta é marcada pelo consumo exagerado e um individualismo cada vez mais radical, conseqüentemente, alargando o distanciamento e a exclusão das camadas mais vulneráveis da sociedade. No intuito de percorrer o itinerário pastoral de Francisco, abordar-se-á primeiramente a proposta da Exortação sobre a “Igreja em saída”, para depois apresentar-se o lugar dos “pobres” nesta proposição de evangelização, e, por fim, compreender a desigualdade como fonte de violência e exclusão das periferias sociais e existenciais.

Nessa perspectiva, Francisco ressalta que a sociedade estabelece um ritmo acelerado para o ser humano em seu modo de viver, levando aos poucos a um afastamento da realidade concreta e autêntica. Esse movimento é percebido por aquelas pessoas que sabem parar, aquietar-se para ver aquilo que está diante dos olhos e que pode passar despercebido devido ao acúmulo das obrigações assumidas no decorrer do dia.

Para além dos afazeres cotidianos, também estão as ofertas e oportunidades que são propagadas em cada esquina, nos aparelhos celulares, nos televisores e nos *outdoors*, com promessas para alcançar a satisfação dos prazeres imediatos, das alegrias instantâneas, pois são muitas as possibilidades, e pouco tempo para aproveitá-las.

E, no final das atividades, as pessoas voltam para casa insatisfeitas, porque o intento da lógica de consumo é justamente esta: de estar sempre insaciadas, isolando-se fisicamente, mas conectadas com outras gentes por meio das redes sociais. Observa-se nas casas a presença de cômodos cheios de utensílios e, ao mesmo tempo, vazios de pessoas ou às vezes cheio de pessoas vazias.

Dessa forma, as relações sociais são diluídas no vasto mundo das contemporâneas mídias sociais, incluindo aí os veículos tradicionais de comunicação de massa, onde se compartilham fotos, assuntos do momento: do futebol, da política, dos *reality shows*. A realidade virtual torna-se mais atrativa, exige menos implicações éticas, acordos sociais, comprometimento e responsabilidade. É o espaço das relações fluidas.

Para Francisco:

Habitualmente, isto acontece, porque ‘a sociedade técnica’ teve a possibilidade de multiplicar as ocasiões de prazer; no entanto, ela encontra dificuldades grandes no engendrar também a alegria. Posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muitos pobres que têm pouco a que se agarrar.⁷⁹

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é um programa que pretende apontar caminhos para uma nova etapa encorajada à Igreja em seu processo de evangelização. Pois, há a necessidade de anunciar, de fazer um chamamento para toda a Igreja que, na concretude, venha a assumir a responsabilidade de ir ao encontro dessa sociedade, da humanidade ferida. Encontro este que só pode ser empreendido com discernimento e coragem.⁸⁰

Os desafios apresentados pela atualidade são: a mercantilização do ser humano, a fluidez nas relações sociais e o individualismo cada vez mais radicalizado. Estas são as características desafiadoras e trazidas à reflexão na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Aqui o pensamento de Bauman sobre a modernidade líquida contribui para o enfrentamento submetido à apreciação pelo Papa Francisco partindo da ideia de uma Igreja em saída.

2.1 UMA IGREJA EM SAÍDA

Urge no seio da Igreja a necessidade de uma conversão pastoral ou uma pastoral em conversão, que permita uma verdadeira atualização no anúncio do Evangelho. Um novo modo de pensar e de compreender as realidades contextuais de nossa época. Bento XVI, em seu pontificado, já anunciava a necessidade desta atualização de mentalidade.⁸¹

A Igreja está inserida na história concreta da humanidade. Cada discípulo missionário e missionária fiel ao mandato de Jesus é chamado/a a ser *sal* e *fermento* no mundo em todas as dimensões, sejam

⁷⁹ FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013. p. 10; EG 6.

⁸⁰ FRANCISCO, 2013, p. 10; EG 1.

⁸¹ BENTO XVI. **Luz do mundo**. O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos: uma conversa com Peter Seewald. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 168.

elas sociais, políticas ou econômicas, pois cada um ou cada uma é anunciador/a do Reino de Deus.⁸²

Essa conversão de consciência social, pastoral e espiritual, portanto, deve ser traduzida em ação, cujos cristãos com o impulso divino do Espírito Santo, que “guia e ilumina a Igreja ao conhecimento da verdade”,⁸³ possam se (re)despertarem para uma pastoral missionário.

Nessa direção, Francisco afirma que:

Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tÍbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre os mesmos: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado. Ele torna os seus fieis sempre novos; ainda que idosos, ‘renovam as suas forças’.⁸⁴

Esta mesma Igreja que se renova para traduzir a verdade da fé aos povos, por intermédio de Cristo, recebeu a missão sacramental e universal de salvação, anunciando o Evangelho para a humanidade inteira. Ser missionária é, portanto, a sua natureza e o seu agir manifestamente mais autêntico ao mundo.⁸⁵ E é tomando esse entendimento que se pode dizer que na *Evangelii Gaudium* não há uma tentativa de criar um novo projeto de Igreja, mas a missão de confirmá-la, despertando na comunidade cristã católica aquilo que já é da sua própria natureza teologal e eclesiológica – “ir ao encontro de Deus [...] fonte da ação evangelizadora”,⁸⁶ conforme já afirmava o documento conciliar *Lumen Gentium*:

E, porque a Igreja é em Cristo como que sacramento, isto é, sinal e instrumento da união

⁸² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. 10 ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 71; Doc. 94, 59.

⁸³ BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Jo 16,13.

⁸⁴ FRANCISCO, 2013, p. 12; EG 11.

⁸⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 124-126; LG 17.

⁸⁶ FRANCISCO, 2013, p. 8-9; EG 8.

íntima com Deus e da unidade de todo gênero humano, retomando o ensino dos concílios anteriores, propõe-se explicar com clareza, aos fiéis e ao mundo inteiro, a sua natureza e a missão universal.⁸⁷

A Igreja em saída - como proposta *ad missio* - quer ser, em última instância, a realização de seu próprio existir na história humana. Desse modo, Francisco quer, ao mesmo tempo, que se compreenda a urgência da renovação missionária na Igreja do novo milênio, e nesse sentido procurar saber quais são as implicações e condições necessárias para a conscientização e realização da verdade a todo o Povo de Deus.

Assim, nos diz Francisco:

A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do pai e sua força difusa. Ousemos um pouco mais tomar a iniciativa.⁸⁸

De fato, ao empreender tal itinerário, Francisco não apenas indica os caminhos a seguir, mas a quem dirigir os primeiros passos dessa Evangelização. Ir ao encontro daqueles/as que categoricamente mais necessitam, os/as excluídos/as. Poderia dizer que o alcance do documento não se limita a aqueles que por força da estrutura econômica se encontram à margem da sociedade, mas a todos, que pela fome, pela indiferença, pelas várias formas de opressão se veem marginalizadas, nessa sociedade de consumo.

Em janeiro de 2018, na Conferência sobre a *Luta contra o Antissemitismo*, o Papa Francisco alertou aos participantes do evento sobre o risco para a sociedade do que ele denominou de ‘o vírus da indiferença’, para designar a falta de responsabilidade individual e social diante do próximo.

⁸⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 102; LG 1.

⁸⁸ FRANCISCO, 2013, p. 21; EG 24.

Não me canso de repetir que a indiferença é um vírus que contagia perigosamente a nossa época, um tempo no qual estamos cada vez mais ligados com os outros, mas sempre menos atentos ao próximo [...] Diante o vírus da indiferença que vacina podemos administrar?⁸⁹

Ainda nessa dinâmica, Francisco na *Evangelii Gaudium* afirma que na sociedade hodierna se desenvolveu uma ‘globalização da indiferença’, que, em síntese, é a falta de interesse ou a incapacidade do indivíduo de se compadecer com o sofrimento do outro, pois o excesso das ofertas de prazer anestesia a capacidade de ser solidário.⁹⁰

Em consonância com a dimensão social da evangelização, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, no Documento de Aparecida, já levantava reflexões sobre o discernimento da evangelização diante das grandes transformações que a sociedade e o ser humano vivenciam em uma escala global:

Cabe a nós olhar a realidade de nossos povos e de nossa Igreja, com seus valores, suas limitações, suas angústias e esperanças. Enquanto sofremos e nos alegamos, permanecemos no amor de Cristo, vendo nosso mundo e procurando discernir seus caminhos com alegre esperança e a indizível gratidão de crer em Jesus Cristo.⁹¹

Velasco vai além, ao interpretar a novidade do movimento de Jesus, dizendo que duas são as coisas que caracterizavam aqueles seguidores do Nazareno e de suas palavras: escolher o pobre, para poder optar pelos pobres, ou seja, não há possibilidade fora dessa opção; e mediante essa escolha social ter Deus como rei, pois este reinado

⁸⁹ FRANCISCO. Contra o vírus da indiferença: manter viva a memória pra combater antissemitismo e discriminação. **L’Observatore Romano**, Vaticano, 1 fev. 2018a. Ano XLIX, n. 5, p. 5.

⁹⁰ FRANCISCO, 2013, p. 39; EG 54.

⁹¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 9. ed. Brasília: CNBB; Paulus; Paulinas, 2008. p. 21-22; DAp. 22.

implica a restauração de Israel e a felicidade definitiva, o reinado de Deus,⁹² que é, por conseguinte, o Reino dos pobres.

Escolher os mais necessitados e proclamar o Reinado de Deus, para o autor supracitado, são interdependentes entre si. Sobre essas disposições é que os seguidores de Jesus devem se entregar ao convite do Senhor que diz: “Vem e segue-me”, um verdadeiro itinerário de vida cristã.

De acordo com Velasco:

[...] o reino de Deus é uma boa notícia, um evangelho, e, como tal, ‘pertence unicamente aos pobres’. Para os ricos, pelo contrário, é má notícia, como se vê nas maldições de Lucas (Lc 6, 24), porque ‘é mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no reino de Deus’ (Mc 10, 25).⁹³

Essa correlação entre o rico e o pobre apresentada por Velasco, mostra que o reino de Deus tem critério, e por isso provoca uma resposta diferente dependendo da disposição de alguém para aceitar ou não a notícia desde esse critério de salvação.

Em outra perspectiva, Bento XVI, na Carta Encíclica *Spe Salvi*, ao refletir sobre o erro fundamental da análise de Marx, com relação ao materialismo, diz:

Pensava que [Marx], uma vez colocada em ordem econômica, tudo se arranjaría. Seu verdadeiro erro é o materialismo: de fato, o homem não é só produto de condições econômicas, nem se pode curá-lo apenas do exterior criando condições econômicas favoráveis.⁹⁴ [grifo nosso]

Nessa linha, Francisco sintetiza o discurso de Velasco e de Bento XVI na afirmação pela qual a evangelização voltada aos pobres, aos necessitados e excluídos quer favorecer o desenvolvimento integral

⁹² VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus**: processo histórico da consciência Eclesial de Jesus. Trad. Nancy B. Faria; Wagner de O Brandão. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 31-32.

⁹³ VELASCO, 1996, p. 34.

⁹⁴ BENTO XVI. **Carta Encíclica Spe salvi**: sobre a esperança cristã. São Paulo: Loyola; Paulus, 2007. p. 33; SS 21.

dessas realidades. A Evangelização dever abarcar as diversas dimensões essenciais para promoção da dignidade da vida humana.⁹⁵

Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. A quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: [...] ‘àqueles que não têm com que retribuir’ (Lc 14, 14). [...] Hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho’.⁹⁶

Dito isso, apesar das diferentes visões e interpretações sobre os destinatários do anúncio, Francisco afirma que a predileção da mensagem evangélica de Cristo é para os pobres e os excluídos, reafirmando a urgência de uma “Igreja pobre para os pobres”.⁹⁷

A Igreja, antes de tudo, “é comunhão de amor”, é uma “comunidade missionária”, onde ordenados e leigos têm o compromisso de ser um sinal visível de transformação social e política. Assumir essa responsabilidade implica uma mudança de mentalidade.

Conforme o referido Documento:

Quando imaginamos que, para encontrar e servir a Deus devemos nos elevar, no sentido de deixar as coisas do mundo, vemos nos Evangelhos o testemunho contrário do próprio Deus: ele ‘desce’ e ‘entra’ em nosso mundo e em nossa história para assumir em tudo a nossa existência. Desta forma, também os cristãos, pra seguir e servir a Deus, devem ‘descer e ‘entrar’ em tudo o que é humano.⁹⁸

Jesus quer uma Igreja encarnada, que não pode estar alheia às realidades temporais, e precisa, sim, participar ativa e efetivamente na

⁹⁵ FRANCISCO, 2013, p. 112; EG 187.

⁹⁶ FRANCISCO, 2013, p. 34; EG 48.

⁹⁷ FRANCISCO, 2013, p. 117; EG 198.

⁹⁸ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 87; DAp. 163.

transformação da sociedade. O cristão deve ser sinal de esperança para a sociedade e para os necessitados e fragilizados.⁹⁹

Desse modo:

O povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessita sentir a proximidade da Igreja, seja no socorro de suas necessidades mais urgentes, como também na defesa de seus direitos e na promoção comum de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz.¹⁰⁰

Diante do que foi dito em relação à missão da Igreja, vemos a necessidade de fazer um discernimento quanto às sociedades contemporâneas e aos seus desafios. Tal esforço explica-se para compreendermos a importância da ação evangelizadora e a sua razão de ser, entendendo-a como projeto divino para a sociedade. O modelo evangelizador por excelência é Jesus, portanto, cada cristão deve ser sinal da presença de Cristo Jesus aos que mais necessitam, na condição de pobres e excluídos.

2.1.1 Os pobres: no coração do Evangelho e a economia de exclusão

A centralidade que o pobre ocupa no discurso e na prática social da Igreja tem seu fundamento na própria fé em Cristo, que na condição humana escolheu a pobreza.¹⁰¹ Jesus foi fiel à sua missão, sendo pobre e vivendo a sua opção preferencial. No entanto, ele não deixou de apontar o seu amor para todos/as aqueles/as que mais necessitassem.¹⁰² Como é de notório conhecimento, a economia de exclusão não gera somente a fome, ocasiona também as desigualdades no acesso às políticas públicas, à elitização cultural, leva à exclusão social pela capacidade de uns e a incapacidade de outros de consumir.

Para o Fórum Econômico Mundial em Davos 2019, o Papa Francisco, por correspondência, salientou o importante papel dos líderes

⁹⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 97; DAp. 185.

¹⁰⁰ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 86-87; DAp. 161.

¹⁰¹ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 253-254; DSI 449.

¹⁰² FRANCISCO, 2013, p. 117; EG 197.

empresariais e políticos na promoção de um modelo econômico que, diante da latente situação de injustiça, em uma “cultura de descarte” e uma “mentalidade da indiferença”, priorizasse, antes de qualquer outro objetivo, o desenvolvimento humano integral, onde a liberdade econômica não prevalecesse ao direito e liberdade do ser humano.¹⁰³

De acordo com Francisco:

Lamentavelmente, até os direitos humanos podem ser usados como justificação para defesa exacerbada dos direitos individuais ou dos direitos dos povos. [...] e que o fato de ter nascido num lugar com menores recursos ou menor desenvolvimento não justifica que algumas pessoas vivam menos dignamente.¹⁰⁴

Com essas duas chaves de leitura, “cultura do descarte” e “mentalidade da indiferença”, é que a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* vai desenvolver e apresentar as consequências desses dois fenômenos na atualidade, uma vez que um está imbricado ao outro. O primeiro, em um contexto mais amplo, expropria a grupos étnicos, grupos sociais e minoritários os direitos inerentes e essenciais a cada indivíduo e à sua totalidade no tecido social; e o segundo relaciona-se à falta de compromisso pessoal e estrutural desta sociedade de consumo. Cabe aos cristãos não permitir que a cultura do descartável entre em seus corações como um fato normal, pois seu o/a seu/sua irmão/irmã não é descartável.

Conforme Codina, a Igreja na América Latina interpelada pelas mudanças sociais despertou para uma interpretação eclesiológica voltada à realidade latino-americana. Essa mudança surgiu como uma resposta profética expressa pelos movimentos populares cristãos, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O modelo de uma Igreja da cristandade dá espaço a uma Igreja libertadora.¹⁰⁵

Para Hoffner, a Igreja:

¹⁰³ FRANCISCO. Mensagem aos participantes do Fórum econômico Mundial em Davos, na suíça: O homem e os seus direitos no centro dos modelos econômicos. **L'Obsservatore Romano**, Vaticano, 25 jan. 2019d. Ano XLIX, n. 4, p. 22.

¹⁰⁴ FRANCISCO, 2013, p. 113; EG 190.

¹⁰⁵ CODINA, Víctor. **Para comprender la eclesilogia desde America Latina**. Estella: Verbo Divino, 1990. p. 223-224.

não apenas trava um diálogo com o mundo a partir da periferia - como se ela se colocasse na periferia -, mas é salvífica na qualidade de ‘fermento na massa’ (Mt 13,33), na qualidade de ‘sal da terra’ (Mt 13,33), na qualidade de ‘semente’ (Mt 13,24), na qualidade de ‘luz do mundo’ (Mt 5,14), marcando sua presença no meio do mundo.¹⁰⁶

A Igreja, que é um instrumento de salvação, será contraditória ao assumir a condição dos menos favorecidos se isso não significar a promoção de condições que os tirem da situação de descarte e os auxiliem em seu no seu desenvolvimento integral. Como manifestação da justiça do Reino de Deus, a Igreja que é seu povo favorece a libertação do pecado, mas também, e não menos importante, favorece a inclusão social.

Uma prática eclesiológica que, segundo Sobrino, se afirma:

Quando os pobres se tornam o centro da Igreja, eles dão direção e sentido a tudo o que legitimamente [...] e necessariamente [...], constitui a realidade concreta da Igreja: sua pregação e ação, suas estruturas administrativas, culturais, dogmáticas, teológicas [...].¹⁰⁷

Portanto, esta exigência diante da realidade do pobre é a declaração eclesial, pela qual a Igreja se reconhece como portadora dessa responsabilidade que tem o seu fundamento mais profundo na teologia do que em outras áreas culturais, filosóficas ou políticas.¹⁰⁸ Para Francisco, é a Igreja, com seu rosto maternal, que deve tomar a iniciativa de ir ao encontro da humanidade ferida: pelos pobres, por aqueles que a sociedade descarta¹⁰⁹.

¹⁰⁶ HOFFNER, Joseph. **Cristianismo e sociedade**: Introdução a Doutrina da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 3-5.

¹⁰⁷ SOBRINO, Jon. **Ressurreição da verdadeira Igreja**: os pobres, lugar teológico da eclesiológica. São Paulo: Loyola, 1982. p. 103.

¹⁰⁸ FRANCISCO, 2013, p. 117; EG 198.

¹⁰⁹ FRANCISCO. **O nome de Deus é misericórdia**: uma conversa com Andrea Tornielli. Trad. Mourão, Catarina. São Paulo: Planeta Brasil, 2016a. p. 34.

Nesse sentido, a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, vai ao encontro dos apontamentos do Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado em 2015, onde consta que 13% da população mundial vive em extrema pobreza, sendo que 800 milhões de pessoas passam fome e, por fim, 2,4 bilhões não têm acesso a saneamento básico.¹¹⁰ Em se tratando de produção de riquezas, onde se concentram? nas mãos de pequena parcela do mundo.

A OXFAM, em 2017, divulgou que 82% da riqueza gerada no mundo está concentrada nas mãos de 1% da população mundial.¹¹¹ Esses dados revelam a contradição do sistema econômico e um quadro preocupante para a sociedade que, de certo modo, é reféns de estrutura que gera desigualdade social e falta de compromisso social diante da pobreza.

Nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria. [...] Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido de liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológicas.¹¹²

A sociedade, em suas relações socioeconômicas, desenvolve uma cultura de exclusão, já salientada por Francisco no Fórum Econômico Mundial, um individualismo cada vez mais radical, como já apresentado na estatística da OXFAM. O Papa, diante dessa realidade, direciona uma forte crítica à “cultura de consumo”, baseada na autossatisfação demasiadamente egoísta, alargada pela possibilidade de consumo, sem

¹¹⁰ ONU. **1º relatório de acompanhamento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**. 19 jul. 2016. Não paginado. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-divulga-1o-relatorio-de-acompanhamento-dos-objetivos-do-desenvolvimento-sustentavel/>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

¹¹¹ OXFAM. **Recompense o trabalho, não a riqueza**. Não paginado. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/recompensem-o-trabalho-nao-a-riqueza/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

¹¹² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 543; GS 17.

se preocupar com as necessidades do próximo, onde os mais pobres, excluídos não encontram espaço¹¹³.

Para Francisco:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada.¹¹⁴

A lógica de consumo sustenta todo um modo de vida no contexto atual e traz implicações éticas que expõem uma crise antropológica na sociedade: “a negação da primazia do ser humano”, em que só os indivíduos mais ávidos e ricos permanecem no jogo do consumo.¹¹⁵ Essa negação, como nos fala Bauman, é gerada pela rejeição da própria identidade, que necessita constantemente se adequar ao mercado de consumo.¹¹⁶

Quanto à rejeição da identidade e à negação da primazia do ser humano, percebe-se que são efeitos de uma mesma causa, o “vírus do individualismo”. Assim, de acordo com Francisco, mesmo no mundo globalizado, onde se enfraquece a noção de fronteira, o ser humano se percebe como uma “ilha isolada”.¹¹⁷

A constatação dessa realidade demonstra-se na rápida evolução dos aparelhos celulares que vêm transformar os indivíduos em dependentes de ruídos, isto é, do medo da solidão. O que de fato parece contraditório, quando se percebe uma vasta e numerosa relação de pessoas em rede social. No entanto, esses seres humanos estão “sozinhos no meio da multidão”,¹¹⁸ pois se afastam do convívio social para a fugacidade dos meios de comunicação.

O individualismo pós-moderno favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e

¹¹³ FRANCISCO, 2013, p. 9; EG 2.

¹¹⁴ FRANCISCO, 2013, p. 9; EG 2.

¹¹⁵ FRANCISCO, 2013, p. 40; EG 55.

¹¹⁶ BAUMAN, 2008b, p. 11.

¹¹⁷ FRANCISCO, 2018a, p. 5.

¹¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. **As 44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 11.

distorce os vínculos familiares.[...] nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos ‘a carregar as cargas uns dos outros’.¹¹⁹

Para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a globalização macroeconômica, inicialmente, era entendida apenas como um sistema que regia o mercado financeiro; em seu desenvolvimento, percebeu-se que o projeto de globalização atingia também o modo de vida das sociedades e as relações sociais; por conseguinte, produziu e produz padrões individualizantes a serem seguidos em detrimento da autossatisfação do consumidor. De acordo com o Documento 105 da CNBB, o individualismo possui as seguintes características:

- a. Satisfação individual e indiferença pelo outro:[...]dispensa o imperativo ético, e naturaliza a indiferença a relação às necessidades e direitos do outro.
- b. Supremacia do desejo em relação às necessidades: o desejo satisfeito se identifica com a necessidade básica e o que é complementar ou supérfluo.
- c. Predomínio da aparência em relação à realidade: a linguagem estética, [...] dispensa a pergunta ética pela veracidade e pela bondade real das coisas que são adquiridas.
- d. Inclusão perversa: todos os indivíduos são incluídos no mercado dos produtos ‘novos’ e ‘bons’, [...] sob essa falsa igualdade as diferentes posições sociais, que na prática excluem grandes números deles.
- e. Falsa satisfação: os produtos que oferecem bem-estar e felicidade são por si mesmos efêmeros. [...] não realiza o que promete ao sustentar a última promessa como plena e definitiva, até que se dissolva e ceda lugar a outra, com um novo produto e um novo desejo.¹²⁰

¹¹⁹ FRANCISCO, 2013, p. 46; EG 67.

¹²⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade**: sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14). Brasília: CNBB, 2018. p. 41; Doc. 105,73.

Quanto aos valores individualistas que são introduzidos na sociedade pela influência da globalização econômica, a Conferência Episcopal Brasileira enfatiza no Documento 105: “É preciso dizer ‘não’”,¹²¹ pois esses ideais lançam mão do bem comum para a ilusão da felicidade alcançada pelo faminto desejo de consumo.

Para Rahner, a autocomunicação de Deus tem a mais íntima e profunda centralidade na fé cristã.¹²² Essa autocomunicação na história é, em outras palavras, o agir de Deus na humanidade. Ele em sua misericórdia sempre esteve no amparo dos oprimidos e na libertação dos pobres.¹²³

Rahner afirma que para:

[...] compreender esta autocomunicação de Deus aos homens, é decisivo entender que o doador é na sua própria realidade o dom, que o doador se doa a si próprio em seu próprio ser à criatura como sua realização plena e acabada.¹²⁴

Portanto, a opção pelos pobres é a centralidade do anúncio na *Evangelii Gaudium*. Essa preferência é fundamentada no agir de Deus que envia seu Filho Jesus ao encontro do ser humano movido pela força do Espírito Santo que, conseqüentemente, chama e comunica a sua Igreja para uma vida na ação evangelizadora e missionária. E por ser ação, requer atitude e discernimento para interpretar os sinais dos tempos hodiernos.

A sobrevivência na sociedade marcada pelo consumo é cada vez mais exigente tanto no plano cultural, quanto no econômico, afetando todo o tecido social, de modo mais grave, os grupos que estão inseridos nas periferias dos grandes centros urbanos. Esta cultura de consumo é dirigida àqueles/as que, na medida de sua capacidade, podem consumir e consumir-se ao mesmo tempo, os demais se tornam rejeitos do consumo.

¹²¹ CNBB, 2018, p. 45; Doc. 105,76.

¹²² RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. Trad. Alberto Costa. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 147.

¹²³ FRANCISCO, 2013, p. 111; EG 187.

¹²⁴ RAHNER, 2008, p. 150.

2.1.2 Desigualdade social gera violência

A criminalização da pobreza é um assunto recorrente nos campos acadêmicos que elucidam as várias formas e contextos geradores de violência nas periferias dos centros urbanos e a sua relação com a exclusão social.¹²⁵ Nesta mesma direção, a *Evangelii Gaudium* aponta o fenômeno da desigualdade social como uma das principais fontes geradoras de violência urbana nas periferias, onde a agressão é o efeito diante das injustiças.

De acordo com Francisco:

Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. No entanto, enquanto não se eliminarem a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigar a violência.¹²⁶

Francisco observa que “isto ocorre não somente porque a falta de equidade provoca a reação violenta dos excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto em sua raiz”.¹²⁷ Ao sugerir uma cultura da inclusão que promova igualdade e oportunidades de acesso aos serviços essenciais, a Exortação Apostólica recomenda voltar o olhar para uma economia que privilegie antes de tudo o ser humano e não o lucro, como bem salientado na visita aos funcionários do correio italiano: “pôr no centro as pessoas, não o lucro.”¹²⁸

O documento conciliar *Gaudium et Spes* não nega a importância da vida econômica e social, tendo em vista sua capacidade de sustentar as demandas da família humana; todavia, quando a sociedade concentra seus esforços somente no setor da economia, a ponto de torná-la uma realidade exclusiva no âmbito dos deveres do Estado,

¹²⁵ GALVÃO, Giovana Mendonça; MARTINS, Tallita de Carvalho. Criminalização da pobreza: o produto de uma violência estrutural. **Revista Transgressões**, v. 1, n. 2, p. 42-65, 27 jan. 2015, p. 43. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/6576/5089>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹²⁶ FRANCISCO, 2013, p. 42; EG 59.

¹²⁷ FRANCISCO, 2013, p. 42; EG 59.

¹²⁸ FRANCISCO. Discurso dirigido aos dirigentes e funcionários dos correios italianos: “pôr no centro as pessoas não o lucro”. **L’Osservatore Romano, Vaticano**, 22 fev. 2018c. Ano XLIX, n. 8, p. 12.

consequentemente, se agrava a desigualdade social, em que “coexistem o luxo e a miséria”, ou seja, a necessidade do outro já não mais incomoda.¹²⁹

Assim afirma a Doutrina Social da Igreja:

A miséria humana é o sinal manifesto da condição de fragilidade do homem e da sua necessidade de salvação. Dela teve compaixão Cristo Salvador, que se identificou com os Seus ‘irmãos mais pequeninos’ (Mt 25, 40.45): Jesus Cristo reconhecerá seus eleitos pelo que tiverem feito pelos pobres. Temos o sinal da presença de Cristo quando ‘os pobres são evangelizados’ (Mt. 11,5).¹³⁰

Para o enfrentamento dessa realidade, a *Gaudium et Spes* sugere que para o bom funcionamento da vida econômica e social de uma sociedade se deve privilegiar o desenvolvimento integral do homem. Essa característica tem o intuito de assegurar uma economia pautada na justiça social que garanta a dignidade da pessoa humana e o bem de toda sociedade.¹³¹

Na atualidade o sistema econômico mantém uma relação tão intrínseca com o meio social, que, em qualquer ação concernente ao sistema financeiro, entram em cena os diversos conflitos que desintegram o complexo social.¹³² Para Francisco as ações motivadas exclusivamente pelo dinheiro são em si o desprezo ético e a rejeição a Deus.¹³³

O relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2019, entidade da Organização das Nações Unidas (ONU), constatou que os inúmeros protestos ocorridos nos últimos tempos em diversos países são motivados por um sentimento de revolta diante do agravamento da desigualdade social.¹³⁴

¹²⁹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 620; GS 63.

¹³⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2018. p. 183; DSI 183.

¹³¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2004, p. 622; GS 64.

¹³² WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral.** São Paulo: Paulinas, 2018. p. 65.

¹³³ FRANCISCO, 2013, p. 41; EG 57.

¹³⁴ ONU. Programa das nações unidas para o desenvolvimento (PNUD). **Relatório do Desenvolvimento Humano 2019.** Além do rendimento, além das médias, além do presente: desigualdades no desenvolvimento humano no século

De acordo com o relatório:

Em todos os países, os objetivos estão em mudança. A desigualdade no desenvolvimento humano é elevada ou está a aumentar nas áreas que se espera virem a ser mais importantes no futuro. Houve algum progresso, à nível mundial, em áreas fundamentais, como o escape à pobreza e a obtenção de um nível básico de escolaridade, apesar da permanência de importantes disparidades. No entanto, ao mesmo tempo, as desigualdades têm-se dilatado nos patamares mais altos da escala do progresso.¹³⁵

Em consonância com a *Gaudium et Spes*, Buss constata que, enquanto houver maior envolvimento da lógica de mercado nas estruturas da sociedade, promovido por ações governamentais, como forma de solucionar os desajustes sociais, como a desigualdade, acaba por provocar cada vez mais a exclusão social e o aumento da pobreza.¹³⁶

A respeito deste envolvimento do mercado na sociedade, entende-se o motivo pelo qual notícias, veiculadas nas mídias sociais, sobre as crises econômicas escandalizam mais que a morte de idosos em abrigos, de acordo com Francisco. O Papa continua afirmando que dizer não à desigualdade social é assegurar o cumprimento do quinto mandamento do decálogo: “não matar”.¹³⁷

De acordo com Maccari, o Brasil faz essa passagem pelo desprezo ético:

A crise ética, política e econômica que atinge o Brasil fere os princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Os escândalos que estão à tona no país

XXI, p. 5. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

¹³⁵ ONU, 2019, p. 362.

¹³⁶ BUSS, Paulo Marchiori. Globalização, pobreza e saúde. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, p. 1575-1589, Nov./dez. 2017, p. 1577. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v12n6/v12n6a17.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

¹³⁷ FRANCISCO, 2013, p. 39; EG 53.

- que não tiveram início agora - revelam uma situação devastadora e caótica.¹³⁸

Se for possível falar em ética na lógica do capital, a definição e sua aplicabilidade seriam: “idolatria da economia”,¹³⁹ que subverte a relação do Estado na promoção da dignidade do ser humano, transferindo o controle das políticas públicas e sociais para a tutela do mercado, que tem no projeto do liberalismo econômico uma autonomia absoluta.¹⁴⁰

O evidente sinal que popularmente caracteriza a desigualdade social é a concentração de renda nas mãos de poucos, enquanto muitos outros fazem parte de uma maioria que vive à sombra dessa concentração, vive à margem dessa estrutura capitalista selvagem, como destacado anteriormente nos dados da OXFAM. E, conseqüentemente, o número daqueles que acorrem às políticas sociais tende a ser mais elevado. O Estado por sua vez não alcança a totalidade dos que necessitam, por muitos fatores:

Enquanto os lucros de poucos crescem exponencialmente, os da maioria situam-se cada vez mais longe do bem-estar daquela maioria feliz. [...] A tudo isto, vêm juntar-se uma corrupção ramificada e uma evasão fiscal egoísta, que assumiram dimensões mundiais. A ambição do poder e do ter não conhece limites.¹⁴¹

A pastoral social na Igreja é um serviço voltado aos pobres e marginalizados. De acordo com Aquino, ainda sofre muitas resistências por uma errônea interpretação, enquanto dimensão sociocultural da

¹³⁸ MACCARI, Vilmar Dal Bó. O incentivo aos leigos na vida pública: as ações concretas da Arquidiocese de Florianópolis voltadas aos representantes e dirigentes políticos. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v.33, n.3, p.521-544, set./dez. 2018, p. 523.

¹³⁹ MO SUNG, Jung. Deus e ídolo na economia. **Revista vida pastoral**, n. 164. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/atualidade/deus-e-idolo-na-economia/>>. Acesso em: 6 ago. 2020.

¹⁴⁰ FRANCISCO, 2013, p. 40; EG 56.

¹⁴¹ FRANCISCO, 2013, p. 40; EG 63.

caridade cristã, isto é, uma pastoral que se limita a medidas paliativas, não menos importantes, mas provisórias.¹⁴²

A cultura do descarte é promovida de maneira silenciosa e omissa, a necessidade de consumo imposta aos indivíduos os tornam cada vez mais insensíveis ao sofrimento dos outros. As relações e interações sociais são dispensadas e substituídas pelos meios de comunicação.

A falta de oportunidade nas periferias da sociedade causa revolta pela exclusão, pois aí estão as camadas mais pobres, os descartados. “Acusa-se da violência os pobres [...], mas sem igualdade de oportunidades, as diversas formas de opressão e de guerra encontrarão terreno fértil, que cedo ou tarde, provocarão sua explosão,”¹⁴³ nos fala Francisco. A violência será a manifestação de um descontentamento dessa exclusão, e na reflexão midiática, e, por vezes na política, encontrará na pobreza a culpa pela famigerada violência urbana.

Do Decálogo deriva um compromisso que diz respeito não só ao que concerne à fidelidade ao Deus único e verdadeiro, como também às relações sociais no seio do povo da Aliança. Estas últimas são reguladas, em particular, pelo que se tem definido como o direito do pobre: ‘Se houver no meio de ti um pobre entre os teus irmãos[...] não endurecerás o teu coração e não fecharás a mão diante do teu irmão pobre; mas abrir-lhe-ás a mão e emprestar-lhe-ás segundo as necessidades da sua indigência’ (Dt 15, 7-8).¹⁴⁴

As injustiças diante da exclusão, do descarte ocasionam conflitos sociais que não podem ser confundidos com violência, porém quando não mediados por instituições políticas competentes, no intuito de atenuar ou se possível solucionar o conflito, ocorre violência. E a violência pressupõe vítimas.¹⁴⁵

¹⁴² AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Pastoral social**: dimensão socioestrutural da caridade cristã. Brasília: CNBB, 2017. p. 38-39.

¹⁴³ FRANCISCO, 2013, p. 42; EG 59.

¹⁴⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2018, p. 28; DSI 28.

¹⁴⁵ CARBONARI, Paulo César. Violência e memória das vítimas : um olhar ético à luz das direitos humanos. **Caminhando com ITEPA**, Passo Fundo: ITEPA, n. 92, p. 14-25, 2009. p. 14.

A pandemia acarretada pelo vírus COVID-19 criou realidades “escondidas e envergonhadas”, nos diz a religiosa Graça Guedes, atual presidente da Conferência de Religiosos de Portugal (CIRP), quando se refere ao aumento de desemprego que a pandemia está gerando.¹⁴⁶ No Brasil, a realidade é ainda pior, além dos recordes em óbitos pelo vírus, as ações políticas governamentais para o combate têm se mostrado desarticulados e ineficazes, tornando-se para o mundo exemplo a não ser seguido.¹⁴⁷

Em meio à inevitável crise instaurada pela pandemia, o mundo ainda assistiu a uma grande manifestação de protesto contra o racismo, motivada pela morte de George Floyd, negro norte americano, assassinado por uma abordagem policial desproporcional.¹⁴⁸

As manifestações democráticas se misturaram com integrantes mais radicais que praticaram atos de vandalismo, ações que não tiraram a legitimidade daqueles que buscavam justiça.

Parafraseando Francisco, poderíamos dizer que a violência dos excluídos tem uma relação direta com o sistema econômico e social que é injusto em sua origem.¹⁴⁹ A base da violência não está na pobreza, mas na injustiça que a promove. As causas podem estar enraizadas nas carências ou nas necessidades não satisfeitas, mas o processo de

¹⁴⁶ PINTO, Domingos. Portugal: pandemia criou “realidades escondidas e envergonhadas”: Entrevista à Vatican News da irmã Graça Guedes, a nova presidente da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP). **Vatican News**, Lisboa, 06 jul. 2020. não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-07/portugal-pandemia-criou-realidades-escondidas-e-envergonhadas.html>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

¹⁴⁷ SÍPIONI, Marcelo Eliseu *et al.* Máscaras cobrem o rosto, a fome desmascara o resto: covid-19 e o enfrentamento à fome no Brasil. **Revista Ciências da Saúde**, Rio de Janeiro, 5 mai. 2020. Não paginado. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/660/866>>. Acesso em: 7 jul. de 2020.

¹⁴⁸ LOVERA, P. Sulbarán. Morte de George Floyd: 'os EUA nunca foram um país branco', diz historiadora Annette Gordon Reed. **Revista BBC NEWS**, 16 jun. 2020. Não paginado. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/internacional-53049278>. Acesso em: 22 jun. 2020.

¹⁴⁹ FRANCISCO, 2013, p. 42; EG 59.

marginalização provoca conflitos internos no sujeito, que pode ser respondida por meio da violência.¹⁵⁰

Podemos observar que a causa das mortes dos jovens no Brasil, segundo o relatório da UNESCO, está relacionada com o homicídio que,

[...] é a principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, diz o relatório. Mesmo assim, os números mostram que menos de 20% dos 19 milhões de jovens (jovens dos 304 municípios com mais de 100 mil habitantes) estão vivendo em municípios de alta e muito alta vulnerabilidade juvenil à violência.¹⁵¹

Com o aumento da insegurança, o discurso armamentista dos setores mais conservadores e pertencentes a uma camada social mais favorecida da sociedade promove a cultura do medo e da insegurança no sentido de propagar o *marketing* da corrida armamentista. O apelo é por vezes direcionado aos pobres das periferias, das *favelas* denominados como “bandagem” que possui de forma ilícita a arma, e o “cidadão de bem” se encontra em estado vulnerável.¹⁵²

Os grupos sociais mais empobrecidos da população, em função da degradação das relações de trabalho e das proteções sociais, estão particularmente sujeitos aos processos de exclusão – processos que são acentuados nos jovens e vêm fortalecer, no imaginário social, a

¹⁵⁰ BRUXEL, Luciano Elias. Inclusão social como não violência ativa. **Cadernos da Estef**, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. v. 16, p. 89-97, 2006. p. 91.

¹⁵¹ UNESCO. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes**. 11 dez. 2017. Não paginado. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/rio-20/single-view/news/index_outlines_youth_violence_vulnerability_in_brazil/>. Acessado em: 25 jun. 2019.

¹⁵² NABAK, Vinicius Toscano. Medo e discurso: uma análise do discurso armamentista desde 2000. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 26, p. 132-149, 11 Maio 2018, p. 145-146. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/1981-2140.2018.17489>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

representação de jovem pobre, morador da periferia com violência e periculosidade.¹⁵³

A juventude da periferia é estigmatizada pela sua condição de vulnerabilidade social, uma vez que uma parcela da sociedade tende a criar estereótipos de categorias sociais, onde o jovem é tido como “marginal”, “merece uma bala”, restando-lhe apenas dois caminhos: “o cemitério ou cadeia”.¹⁵⁴ Discurso que tem se tornado frequente em representantes políticos e das mídias tradicionais e/ou comprometidas com uma sociedade desigual e excludente da nossa República.

Assim, mais cedo ou mais tarde, a desigualdade social gera a violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais [...] mais do que dar solução, criam novos e piores conflitos.¹⁵⁵

Como a violência está associada à desigualdade social, Francisco afirma que:

Hoje em muitas partes, reclama-se maior segurança. No entanto, enquanto não se eliminarem a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigá-la a violência.¹⁵⁶

Como vimos no item anterior, o pobre na cultura do consumo é forçado a se tornar útil, segundo os critérios do mercado, ou é descartado. Diante disso, há uma tendência sociocultural de

¹⁵³ SALLES, Leila Maria Ferreira *et al.* Violência e inserção social do jovem de periferia urbana. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.16, n. 3, p. 58-68, set.-dez. 2014, p. 61. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v16n3/05.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

¹⁵⁴ PIVETA, Ruth Tainá Aparecida; CARVALHAES, Flavia Fernandes de. A Juventude das periferias como alvo da violência: uma análise sobre enunciados difundidos pela sociedade brasileira. **Associação Brasileira de Psicologia Política**. São Paulo, v. 17, n 39, p. 277-292. mai./ago. 2017, p. 178. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a07.pdf>>. Acessado em: 26 jun. 2019.

¹⁵⁵ FRANCISCO, 2013, p. 42; EG 60.

¹⁵⁶ FRANCISCO, 2013, p. 60; EG 59.

“gentrificação”, isto é, empurrar dos centros urbanos e elitizados aqueles jovens e famílias de baixa renda, levando-os para as áreas mais periféricas, marginalizando-os socialmente.¹⁵⁷ Isto ocorre, historicamente, nas grandes capitais e mesmo em municípios populosos, onde moradores de ruas e os pobres são levados a bairros distantes e periféricos, para a higienização dos espaços públicos.¹⁵⁸

Francisco lança um grande desafio à Igreja: “sair de si mesma, do centro e ir para as ruas, às fronteiras [às periferias]”, chegando aos lugares onde estão sobretudo os pobres e esquecidos.¹⁵⁹

De certo modo nesta leitura proposta pela *Evangelii Gaudium* é possível reconhecer, certa convergência entre os escritos de Bauman e Francisco. Partindo de alguma confluência de ideias percebe-se que, mesmo em uma modernidade líquida, de racionalidade e subjetividade ligadas ao individualismo, ao consumismo, o papel do sociólogo e a missão da Igreja apontam para a esperança. Segundo o Papa Francisco a Igreja em saída pode contribuir à Justiça social.

¹⁵⁷ SALLES, 2014, p. 62.

¹⁵⁸ OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares de. São Paulo e a ideologia higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 210-235, jan./abr. 2013, p. 217. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222013000100009>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

¹⁵⁹ BRIGHENTI, Agenor. **Documento de Aparecida**: o texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. Curitiba. Rev. Pistis Prax., Teologia Pastoral, v. 8, n. 3, 673-713, set./dez. 2016. p. 697.

3 ENCONTRO COM A MODERNIDADE LÍQUIDA

O conceito de “modernidade líquida”, pensado e desenvolvido por Zygmunt Bauman, é uma soma de elementos que se desenvolveram ao longo da história da sociedade. E, partindo de fatores como racionalidade, subjetividade, consumismo e individualismo, instaura-se a relação entre sociedade e humanidade.

Tudo que persista no tempo e no espaço aos poucos vai se diluindo até perder sua razão de ser. A lógica de mercado se torna o fio condutor desse sistema que transforma relações humanas em comércio, pessoas em objetos de consumo, e o que não pode ser consumido, descartado.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* volta o seu olhar e atenção às realidades do contexto atual. Nessa direção, critica as muitas formas de injustiças e desigualdades que a sociedade de consumo acarreta. E partir do entendimento dessas realidades assinala caminhos para a superação e promoção da dignidade dos atingidos por essa cultura de consumo.

3.1 A HUMANIDADE FERIDA NA SOCIEDADE LÍQUIDA

A reflexão baumaniana acerca dos desafios socioeconômicos no contexto atual identifica suas causas em um denominador comum: a modernidade líquida. Este projeto teria sido iniciado na modernidade, cuja fase mais avançada são os sinais de deterioração e derretimento das instituições. Assim, as identidades e as relações se tornam mais fragmentadas e fluídas. Daí a inter-relação entre incertezas e medos acomete os indivíduos pelo mesmo processo de liquidez da identidade, da cultura e da relação social.

Este ambiente denominado sociedade líquida desenvolveu na cultura globalizada uma forma mais radical do individualismo e no sentido de responsabilidade com o outro. A noção de unidade e fraternidade se desintegra a ponto de ser um conceito vago mais publicitário do que real.¹⁶⁰

¹⁶⁰ BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009b. p. 17.

O termo fraternidade é um dos princípios base da estrutura democrática. Para Baggio, faz parte da “condição humana”¹⁶¹ pela qual possibilita a harmonia do convívio social, visto que a fraternidade favorece à sociedade um vínculo antropológico comum, baseado na responsabilidade social e na superação das crises; já no sentido jurídico, ela é o instrumento de inclusão e a solidariedade entre os cidadãos.¹⁶²

Mesmo sendo uma herança do cristianismo, a Fraternidade permanece sendo um princípio norteador das relações humanas, pois coloca o sujeito que se orienta a partir da Fraternidade como um membro do corpo social, potencialmente capaz de promover a igualdade e o bem-estar dos cidadãos por meio de um olhar horizontal e que promova a alteridade e não a discriminação.¹⁶³

A globalização da economia enfraqueceu o papel do Estado na sociedade, tornando o Estado refém da dominação do sistema econômico mundial. Sobre isto Bauman salienta que “todos estamos fadados a contragosto ou não aos desígnios da globalização”.¹⁶⁴ Esse projeto de universalização ameaça as formas regionais e locais de vida, enfraquecendo culturas e tradições para um projeto de homogeneização sob a tutela dos ditames econômicos.¹⁶⁵

Quando as soberanias nacionais são desacreditadas de seu papel de direito, de natureza reguladora, causando instabilidade em territórios

¹⁶¹ BAGGIO, Antônio Maria. A ideia de fraternidade em duas revoluções: Paris 1789 e Haiti 1791. In: BAGGIO, Antônio Maria (Org.). **O princípio esquecido/1**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2008. p. 54.

¹⁶² PELLENZ, Mayara *et al.* Fraternidade como alternativa à seletividade do Direito Penal. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 38, n. 76, p. 155-182, set. 2017, p. 161. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/21777055.2017v38n76p155>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

¹⁶³ PELLENZ, 2017, p. 164.

¹⁶⁴ BAUMAN, 2008a, p. 48.

¹⁶⁵ SILVA, Edinaldo Enoque; EIDT, Paulino. Globalização: ensaio sobre as marcas da homogeneização do mundo no universo regional. **Revista Geografares**, n. 13, p.160-191, 21 dez. 2012, p. 167. Disponível em: <<https://doi.org/10.7147/GEO13.2949>>. Acesso em: 19 Ago. 2020.

nacionais, são substituídas por uma *ordem supranacional*.¹⁶⁶ Em decorrência do enfraquecimento do Estado surgem as comunidades explosivas que se apoiam mutuamente por meio da violência, para legitimar seu grupo social e garantir a sua sobrevivência, ocasionalmente pela fragilidade do poder estatal regulador. A aplicação da força necessita de um destinatário e as comunidades elegem, então, as “vítimas substitutas”¹⁶⁷ para legitimar as suas ações¹⁶⁸.

Precisam de inimigos que ameacem sua existência e inimigos a serem coletivamente perseguidos, torturados e mutilados, a fim de fazer de cada membro da comunidade um cúmplice do que, em caso de derrota, seria certamente declarado crime contra a humanidade e, portanto, objeto de punição.¹⁶⁹

Os imigrantes e refugiados são alvos recorrentes desta lógica de exclusão. Isso evidenciou-se quando, por exemplo, um terremoto catastrófico atinge o Haiti, em 2010. Lá, cerca de 45 mil pessoas ficaram sem acesso à eletricidade e 500 mil deixaram a capital, Porto Príncipe, complicando ainda mais a situação da precariedade estrutural do país, levando inúmeras pessoas a se refugiarem em outros países à procura de melhores condições de vida. O Brasil recebeu, entre 2010 e 2015, um aumento considerável de imigrantes haitianos e sírios (estes fugindo da guerra em seu país).

Diante dessa realidade, surgiram inúmeros casos de xenofobia.¹⁷⁰

¹⁶⁶ Segundo Bauman, a ordem supranacional é um sistema global de freios e contrapesos para limitar e regular forças econômicas globais. (BAUMAN, 2001, p. 240).

¹⁶⁷ De acordo com Bauman, as vítimas substitutas “são seres que estão ou na fronteira da sociedade; prisioneiros de guerra, escravos [...] indivíduos de fora ou marginais, incapazes de estabelecer ou compartilhar os laços sociais que unem o resto dos habitantes. Seu status como estrangeiros ou inimigos, sua condição servil, ou simplesmente sua idade, impede essas futuras vítimas de se integrarem à comunidade”. (BAUMANN, 2001, p. 242)

¹⁶⁸ BAUMAN, 2001, p. 241-242.

¹⁶⁹ BAUMAN, 2001, p. 241.

¹⁷⁰ De acordo com Vitorino, a intolerância ou xenofobia pode ser entendida como o comportamento de aversão ao estrangeiro que comine na negativa ou restrição irrazoável do exercício de direitos humanos (e fundamentais), reconhecidos pelo ordenamento jurídico pátrio aos estrangeiros, por receio ou

Para retratar essa realidade, o jornal Terra, em entrevista com a assistente social da Casa do Migrante da Paróquia Nossa Senhora da Paz em São Paulo, relatou casos de xenofobia por parte dos brasileiros em relação aos imigrantes haitianos:

O preconceito, segundo eles, se manifesta de diversos modos - alguns brasileiros têm o hábito de chamá-los de gays. Um deles conta que, em uma dessas situações, um grupo de crianças, rindo muito, perguntou se ele não tinha sabonete, referindo-se à cor escura de sua pele. O outro conta que muitos aqui o chamam de "macaco" e de "outras coisas assim". Ambos dizem que tentam ignorar o preconceito, fingem que não ouvem ou tentam não prestar atenção.¹⁷¹

Ainda, segundo a assistente social entrevistada, Monica Quenca:

Em uma dessas ocasiões, Monica estava com um grupo de 20 haitianos no metrô quando, ao sinal de fechar as portas, uma senhora pegou a bolsa de um deles e saiu. 'Os outros passageiros acharam errada a minha indignação com a situação e me disseram que eu não tinha que ter pena de **uma pessoa que nem deveria estar ali**', se referindo aos haitianos, e que '**se eu estava com dó, deveria levar ele pra minha casa**'.¹⁷²

Em 2019, no Dia Mundial do Imigrante e do Refugiado, Francisco, por meio de mensagem pontifícia, fez um apelo à sociedade

medo de "nocividades" decorrentes do impacto cultural, econômico, social, religioso, que pode ocorrer com a chegada do migrante. (VITORINO, Cleide Aparecida; VITORINO, William Rosa Miranda. Xenofobia: política de exclusão e de discriminações. **Revista Pensamento Jurídico**, São Paulo, v. 12, n. 2, jul./dez. 2018, p. 100.).

¹⁷¹ QUENCA, Monica. **Imigrantes haitianos sofrem racismo e xenofobia no Brasil**. Jornal Terra, 13 mai. 2014. não paginado. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-nobrasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

¹⁷² QUENCA, 2014, [não paginado].

sobre “a globalização da indiferença”, referindo-se às más condições em que os refugiados e migrantes se encontram, sujeitos a todo mal que a sociedade de consumo produz. A insensibilidade diante do sofrimento e abandono, diz o Papa, revela um declínio moral da sociedade, das instituições competentes que excluem e marginalizam pessoas em detrimento de sua etnia, cor e religião.¹⁷³

Entre as diversas situações de riscos, os imigrantes ainda estão sujeitos aos:

[...] traficantes inescrupulosos, frequentemente vinculados aos cartéis de droga e de armas, exploram a situação de fragilidade dos imigrantes, que, ao longo de sua jornada, demasiadas vezes experimentam a violência, o tráfico humano, o abuso psicológico e físico e sofrimentos indescritíveis.¹⁷⁴

Francisco alerta para que os cristãos, seguindo o exemplo de Jesus, tomem a forma dos mais “pequenininhos” e junto aos sofredores. Para aqueles que na vida buscam anunciar a novidade de Cristo, cuidem de olhar com atenção a necessidade daqueles que são “descartáveis” na sociedade, aqueles que são excluídos por não pertencerem aos padrões de vida de consumo de uma cultura da autorreferencialidade e da consciência isolada.¹⁷⁵

Nesta mesma perspectiva, em seu discurso aos participantes do Simpósio Novas Formas de Fraternidades Solidária, o Papa chamou a globalização da indiferença de ‘inação’, ou seja, a incapacidade de ação da sociedade, dos poderes públicos diante de diversos problemas sociais no mundo, visto que o desenvolvimento tecnológico aumentou a velocidade de produção e, no entanto, cresceu o número de pessoas em pobreza extrema, em que “aproximadamente cinco milhões de crianças com menos de cinco anos irão morrer de pobreza este ano. Outras 260

¹⁷³ FRANCISCO. **Mensagem do Papa Francisco para o 105º dia Mundial do Migrante e do Refugiado**. Vaticano, 27 mai. 2019a. Não paginado. Disponível em:

<<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration.index.html>>.

Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁷⁴ FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal**. *Chistus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019b. p. 39; CV 92.

¹⁷⁵ FRANCISCO, 2013, p. 11; EG 8.

milhões serão privadas de educação devido à falta de recursos, guerras e migrações”.¹⁷⁶

Em relação às consequências do individualismo, Francisco afirma que:

Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe.¹⁷⁷

Segundo Tavares, entre os vários problemas sociais que a estrutura desigual e excludente pode gerar na sociedade - como o desemprego, a mobilidade residencial, a criminalidade urbana, dentre outros -, o homicídio é um dos mais graves, pois atinge diretamente um direito fundamental do indivíduo e agrava-se ainda mais quando o maior índice se encontra em comunidades mais vulneráveis.¹⁷⁸

Assim como no homicídio, o suicídio tem a sua relação com o impacto socioeconômico e atinge os mais pobres, como constado pelo estudo realizado por Maccari. Este mostra que o suicídio juvenil, nas duas últimas décadas, foi a segunda causa de mortes entre jovens de 15

¹⁷⁶ FRANCISCO. **Discurso aos participantes do Simpósio "novas formas de fraternidades solidária"**. Vaticano, 5 de fev. de 2020a. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/document_s/papa-francesco_20200205_nuoveforme-disolidarieta.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

¹⁷⁷ FRANCISCO, 2013, p. 39-49; EG 54.

¹⁷⁸ TAVARES, Ricardo *et al.* Homicídios e vulnerabilidade social. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 923-934, mar. 2016, p. 929. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.12362015.>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

a 29 anos no mundo e destes casos 75% ocorreram em países de maior vulnerabilidade social.¹⁷⁹

Seguindo os pressupostos baumaniano, os autores afirmam que diante do individualismo e do isolamento:

[...] os jovens enxergam na sociedade líquida sua própria impotência diante de outro mundo possível e não vêem alternativas, a não ser conformar-se com as realidades impostas pelo sistema capitalista globalizado e assim procurar viver sem utopias e esperanças de um mundo melhor.¹⁸⁰

Para Botti, compreender a morte pelo suicídio é antes analisar a própria vida e as questões de conjuntura social, cultural e psicológica que levam uma pessoa a tal ação. E entre as múltiplas formas e circunstâncias “quatro cegueiras morais” destacam-se: a insensível indiferença humana (ética da sensibilidade); a falta de empatia com a dor do outro (ética do olhar); a falta de compromisso com o social (ética da responsabilidade) e, por fim, a visão pessimista (ética da esperança).¹⁸¹

Ao analisar o contexto juvenil, é imprescindível deixar de lado o fenômeno tecnológico das mídias sociais e o seu impacto na vida dos jovens e da sociedade em geral. Assim, ao retomar os pressupostos do primeiro capítulo, vemos que no universo da sociedade líquida os aparelhos celulares se tornaram um *habitat* natural dos relacionamentos, contrapondo-se aos relacionamentos face a face, que são substituídos pelos relacionamentos sem vínculos, acessível a um toque na *tela* e passível ao descarte no mesmo instante.

Para Francisco, os meios de comunicação digitais podem:

¹⁷⁹ MACCARI, Vilmar Dal Bó; LUEDCKE FILHO, Eugênio. Suicídio juvenil: um problema social e pastoral. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 34, n. 3, set.-dez. 2019. p. 492.

¹⁸⁰ MACCARI, 2019, p. 492.

¹⁸¹ BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Desafios éticos e suicídio na pós-modernidade. **Cadernos Zygmunt Bauman**. v. 9, n. 21, p. 2-20, 2019, p. 3. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/12395/7002#>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

[...] expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas.¹⁸²

O resgate da fraternidade é defendida por Baggio, como condição natural do ser humano. Isso proporcionaria o convívio social harmonioso. O argumento tem relação com a retomada da ética da alteridade levinasiana pela qual o ser humano se realiza no encontro com o outro baseado na responsabilidade.¹⁸³ Portanto, se a modernidade líquida propõe o encontro do *Eu* consigo mesmo, tanto a fraternidade, quanto a alteridade perdem o seu sentido e a sua efetividade na transformação de uma pessoa integrada e de uma sociedade justa e solidária.

De acordo com Neutzling, na cultura neoliberal capitalista:

O indivíduo é concebido na sua identidade abstraído das suas relações com os demais. Há aqui uma negação da alteridade que significa uma quebra da inter-relacionalidade. A presença do outro não mais suscita apelo à colaboração, mas sim desejo de instrumentalização. Tornamo-nos uma multidão anônima, sem rosto, raízes ou futuro.¹⁸⁴

A alteridade é a possibilidade do encontro. Para Francisco, o empenho para construir uma cultura do encontro é restituir “as pessoas e as coisas ao seu lugar”, ou seja, resgatar a dignidade de cada pessoa

¹⁸² FRANCISCO, 2019b, p. 37; CV 88.

⁵⁴ GOMES, Carla Silene Cardoso Lisboa Bernardo. **Lévinas e o Outro**: a ética da alteridade como fundamento da justiça. 91 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. p. 39-49. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp113166.pdf>>.

Acesso em: 21 Ago. 2020.

¹⁸⁴ NEUTZLING, Inácio. Por um milênio sem exclusões: o desafio da construção da igualdade. **Revista Encontros Teológicos**, v. 14, n. 2. Florianópolis: ITESC, 1999. p. 75.

como filho/filha de Deus e de sua dignidade humana,¹⁸⁵ com respeito às diferenças.

A perspectiva positiva do Documento de Aparecida sobre a realização dos desejos humanos nos leva a entender que é possível consumir sem ser consumido, sentir o prazer da vida sem cair no hedonismo, buscar o silêncio sem ser solitário. Porém, quando o consumo se torna hedonista e individualista a vida perde seu sentido.¹⁸⁶

Para Lipovetsky:

Instala-se um novo estágio de individualismo: o narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o ‘capitalismo’ autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo.¹⁸⁷

Francisco faz um apelo àqueles/as que se encontram imerso na mentalidade individualista, em sua natureza egocêntrica e, por isso, indiferentes ao outro, que possam redirecionar a sua existência em favor de uma mentalidade mais humana, para que a vida tenha mais sentido e seja fecunda.¹⁸⁸

A superação da indiferença, fruto do individualismo da sociedade líquida, significa uma abertura para a realidade dos mais fragilizados, ou seja, uma tomada de consciência social e quanto a uma nova sensibilidade de ver e compreender o mundo e a realidade em nossa volta.

¹⁸⁵ FRANCISCO. **Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta:** por uma cultura do encontro. Vaticano, n. 37, 15 set. 2016a. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

¹⁸⁶ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 164; DAp. 357.

¹⁸⁷ LIPOVETSKY. Gilles. **A era do vazio:** ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Monole, 2005. p. 32.

¹⁸⁸ FRANCISCO, 2013, p. 122; EG 208.

É indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo Sofredor: os sem abrigo, os toxodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados.¹⁸⁹

A Igreja na América Latina, assumindo o compromisso proposto pelo Documento de Aparecida, assume a responsabilidade tanto pela opção preferencial pelos pobres, quanto pela própria promoção da dignidade do gênero humano. O que significa a responsabilidade social pelos rostos dos que vivem nas ruas, migrantes, enfermos, idosos, deficientes, dependentes de drogas e detidos em prisão.¹⁹⁰ São os “rostos sofredores que doem em nós”.¹⁹¹

Nessa direção, Francisco ressalta que “[...] gostaria de uma Igreja pobre, para os pobres”.¹⁹² Quando de sua visita ao Brasil, o Papa expressou o seu desejo afirmando que “você, os pobres são a carne de Cristo”.¹⁹³ Ou seja, há que se alcançar os excluídos e marginalizados com atitudes de misericórdia. “Necessitamos de uma Igreja misericordiosa, uma Igreja de misericórdia maternal”,¹⁹⁴ com respeito à alteridade pela acolhida aos diferentes, pela aprendizagem segundo as diferenças, impulsionando uma renovada ação pastoral social para a promoção da dignidade humana integral, num verdadeiro processo de evangelização.

3.2 O COMPROMISSO SOCIAL NO CONTEXTO INDIVIDUALIZADO

A Evangelização é um compromisso de toda a Igreja. Ela se dá primeiramente pelo anúncio do Reino de Deus. Esse processo exige

¹⁸⁹ FRANCISCO, 2013, p. 123; EG 210.

¹⁹⁰ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 184-185; DAp. 407-409.

¹⁹¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 180-184; DAp. 399-407.

¹⁹² FRANCISCO, 2013, p. 117; EG 198.

¹⁹³ FRANCISCO. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013b. p. 30.

¹⁹⁴ GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol. **Os rumos da Igreja no pós-pandemia**. Diálogos *online* de Pastoral Urbana, em 10 ago. 2020, via *youtube*. Disponível em: <<https://youtu.be/JXEWQSw5pQ>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

atenção e discernimento aos sinais dos tempos que são apresentados. Por sua vez, as comunidades pastorais estão inseridas no contexto socioeconômico; por isso, a renovação é antes uma conversão de dentro para fora. Uma nova “saída” missionária ou uma Igreja em saída.¹⁹⁵

A ação evangelizadora tem como uma de suas características o conjunto de desdobramentos no plano social. Deve haver comprometimento com o outro. São oportunidades de tornar presente o Reino de Deus. Nesse sentido, esta dimensão faz-se presente na vida de unidade, comunidade e comunhão na Igreja.¹⁹⁶

Para Francisco a Palavra de Deus exprime:

[...] a absoluta prioridade da ‘saída de si próprio para o irmão’, como um dos dois mandamentos principais que fundamentam toda a norma moral e como o sinal mais claro para discernir sobre o caminho de crescimento espiritual em resposta à doação absolutamente gratuita de Deus. Por isso mesmo, ‘também o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência’.¹⁹⁷

Segundo Hoffner, o ser humano dotado de sua plena consciência tem as predisposições necessárias à busca da comunhão humana. Essa comunhão não significa uma transferência de responsabilidade aos outros, mas antes de tudo uma decisão pessoal.¹⁹⁸

Sendo assim:

Não se tratando daquela relação que explora outro homem de maneira egoísta e faz dele uma mercadoria de consumo, mas trata-se do amor como atitude valorizante, que se exerce na disposição ao sacrifício.¹⁹⁹

A saída de si para o irmão é, portanto, uma tomada de consciência do ser humano partindo da responsabilidade com o bem

¹⁹⁵ FRANCISCO, 2013, p. 21-22; EG 24.

¹⁹⁶ FRANCISCO, 2013, p. 105-106; EG 177.

¹⁹⁷ FRANCISCO, 2013, p. 107; EG 179.

¹⁹⁸ HOFFNER, 1970, p. 17.

¹⁹⁹ HOFFNER, 1970, p. 17.

comum. Nesse sentido, Baggio afirma que o sacrifício de Jesus é a atualização como princípio definitivo de fraternidade universal.²⁰⁰ É a reconciliação com a humanidade ferida e a reconciliação dessa humanidade diante do projeto salvífico do Pai.

Para Baggio, essa percepção de fraternidade pode ser encontrada também nas cartas paulinas:

A percepção da eficácia da fraternidade cristã é expressa com veemência em relação às três separações que marcavam a realidade da época: a religiosa entre judeu e gregos; a social, entre escravos e livres; a antropológica entre homens e mulheres.[...] é abolida a carga negativa que elas contêm e reativada a potencialidade de reciprocidade, de diversos, modos, trazem em si.²⁰¹

O Documento de Aparecida, ao discutir o tema da vocação humana, faz sérios apontamentos sobre as profundas mudanças culturais na sociedade atual que, com uma força destrutiva do individualismo, vem solapando a integralidade do ser humano em sua relação com mundo e com Deus.²⁰²

Verifica-se, em nível massivo, uma espécie de nova colonização cultural pela imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores. Essa cultura se caracteriza pela auto-referência do indivíduo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável.²⁰³

Bauman denomina esse fenômeno de individualização na sociedade, uma precariedade da existência social, pois o indivíduo se percebe como algo distinto dessa realidade concreta que é o mundo, ou

²⁰⁰ BAGGIO, 2008, p. 79.

²⁰¹ BAGGIO, 2008, p. 81.

²⁰² CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 32; DAp. 44.

²⁰³ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 33; DAp. 46.

pior, assim como os vários produtos de uma prateleira de um supermercado, ele é só mais um a ser consumido.²⁰⁴

O exercício da liberdade no contexto de liquidez não tem como finalidade o bem comum, mas as decisões individuais da autossatisfação. Como o jogo do consumo é baseado no excesso de ofertas que são renovadas nas prateleiras diariamente, a formação do 'eu', da identidade pessoal, também comunitária, é formada e reformada continuamente.²⁰⁵

Em nosso mundo volátil, de mudanças instantâneas e erráticas, os hábitos consolidados, os esquemas cognitivos sólidos e as referências estáveis- objetivos últimos de educação ortodoxa transformam-se em desvantagens. [...] considerados obstáculos que atravancam o caminho e precisam ser removidos.²⁰⁶

De acordo com o Documento de Aparecida:

A ciência e a técnica quando colocadas exclusivamente a serviço do mercado, com os critérios únicos da eficácia, da rentabilidade e do funcional, criam uma nova visão da realidade. [...] Desse modo, termina-se por destruir o que de verdadeiramente humano há nos processos de construção cultural, que nascem do intercâmbio pessoal e coletivo.²⁰⁷

O compromisso social cria oportunidades de vida comunitária. Para Francisco, a experiência do encontro do Deus-Trindade na humanidade revela a importância da relação desta com a própria humanidade. Pois, o Deus do encontro quer que, como Ele, a humanidade possa ir ao encontro Dele e dos irmãos.²⁰⁸

²⁰⁴ BAUMAN, 2001, p. 206.

²⁰⁵ BAUMAN, 2008b, p. 33-37.

²⁰⁶ BAUMAN, 2008b, p. 47.

²⁰⁷ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 33; DAp. 45.

²⁰⁸ FRANCISCO, 2013, p. 108; EG 178.

A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção social, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda ação evangelizadora.²⁰⁹

O princípio que constitui essencialmente a dimensão social do ser humano, segundo Hoffner, é a solidariedade, que não é o meio termo entre um individualismo perverso e o coletivismo massificante, mas um enunciado novo e específico sobre o que possibilita um harmonioso relacionamento entre o ser humano e a sociedade.²¹⁰

Para a Doutrina Social da Igreja, solidariedade é:

[...] é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos.

A responsabilidade com o outro tem caráter salvífico. Francisco afirma que a redenção não tem a dimensão somente pessoal, individual, mas alcança todo o gênero humano e toda realidade criada, sendo assim, a obra de salvação alcança as relações sociais, no contexto social, e a sociedade em todas as dimensões estruturais a serviço do homem.²¹¹

Por fim, o compromisso social, como demonstrado anteriormente, é parte constituinte do ser humano. Deve traduzir uma relação não de consumo, mas de solidariedade. Esta necessita alcançar toda a sociedade, tendo o pobre como preferência, conforme explicitado nos documentos da Igreja. O mesmo não pode, pela pobreza, ser excluído, ser descartado como rotula a sociedade atual.

A Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe faz um breve panorama das perspectivas em vista da promoção da dignidade humana dos pobres e excluídos.²¹² Nesta mesma direção, a *Evangelii Gaudium* traz à visibilidade a inclusão social, o bem comum e o diálogo social como temas pastorais, que contribuirão para a paz.²¹³

²⁰⁹ FRANCISCO, 2013, p. 108; EG 178.

²¹⁰ HOFFNER, 1979, p. 27-28.

²¹¹ FRANCISCO, 2013, p. 106; EG 178.

²¹² CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 185-190; DAp. 407- 427.

²¹³ FRANCISCO, 2013, 111-134; EG 186-238.

A ação social da Igreja na sociedade não é um papel meramente assistencialista, mas de promoção da dignidade integral do ser humano. Neste sentido, a comunidade missionária inserida na sociedade desempenha um papel importante na política, economia e educação, tanto no que diz respeito à atuação, quanto na reivindicação de políticas públicas que favoreçam a inclusão social dos mais vulneráveis.

A importância do diálogo da Igreja com o Estado e com a sociedade contribui para sugerir e direcionar as políticas públicas e resgatar os valores que são fundamentais para a defesa do ser humano e da sua dignidade.²¹⁴

É missão do povo de Deus assumir o compromisso sociopolítico transformador, que nasce do amor apaixonado por Cristo. Desse modo, se incultura o Evangelho. ‘O povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessita sentir a proximidade da igreja, seja no socorro de suas necessidades mais urgentes, como também na defesa de seus direitos e na promoção comum de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz.’²¹⁵

Para exemplificar a situação dos excluídos, tomamos o grupo de pessoas em situação de rua, que foi objeto de pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no período de setembro de 2012 a março de 2020, no Brasil. Os resultados apresentados demonstraram um crescimento da ordem de 140% desse grupo, com tendência a aumentar ainda mais neste período da pandemia. De acordo com a análise dos pesquisadores, os fatores desse crescimento estão relacionados com o agravamento da crise econômica e conseqüentemente o aumento do desemprego e da pobreza.²¹⁶

Além dos cuidados na promoção humana, Francisco faz um apelo para uma cooperação que busque aprimorar políticas sociais e

²¹⁴ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p 185; DAp. 408.

²¹⁵ CNBB, 2018, p. 86-87; Doc. 105,161.

²¹⁶ IPEA. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. Brasília, 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf>. Acesso em: 30 jul 2020.

econômicas, no intuito de sanar esses problemas estruturais, assegurar os direitos fundamentais dos povos, de modo que todos possam viver dignamente em sua re-inserção social.²¹⁷

Não se fala apenas de garantir a comida ou decoroso ‘sustento’ para todos, mas ‘prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos’. Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida.²¹⁸

Outra preocupação exposta na Conferência de Aparecida e que, segundo Francisco, é um fenômeno crescente que deve ser observado atentamente tanto no aspecto socioeconômico, político e cultural é a migração. Grande número de famílias atravessa continentes à procura de ‘melhores condições de vida’ e, em vez disso, encontra discriminação, exploração entre outros males. A Igreja como mãe da Família universal não está alheia a essa situação.

Sublinha que os estrangeiros não podem ser usados como objetos de exploração, pois são pessoas que deixam as suas pátrias, terras e culturas em sua maioria coagidas, forçadas pela fome, violência e perseguição, e devem ser acolhidas pastoralmente e na dinâmica do encontro e da partilha podem trazer “valiosa contribuição missionária” às comunidades que as acolhem.²¹⁹

A solicitude de ir ao encontro dos mais necessitados é uma disposição daqueles/as que compreendem a importância da tarefa de, na medida das limitações e fragilidades, tornar uma sociedade melhor e mais inclusiva, de tal modo que faça “[...] florescer a justiça e a caridade social”.²²⁰ Neste sentido, garantir o serviço em prol da pessoa humana e de sua dignidade, implica assegurar, antes de tudo, o direito inviolável à vida, em todas as suas dimensões na integralidade existencial.²²¹

De acordo com o Documento de Aparecida:

²¹⁷ FRANCISCO, 2013, p. 113; EG 190.

²¹⁸ FRANCISCO, 2013, p. 114; EG 192.

²¹⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 186-187; DAp. 415.

²²⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2018, p. 306; DSI 552.

²²¹ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2018, p. 307; DSI 553.

A igreja fez opção pela vida. Esta nos projeta necessariamente para as periferias mais profundas da existência: o nascer e morrer, a criança e o idoso, o sadio e o enfermo. Santo Irineu nos diz que ‘a glória de Deus é o homem vivente’, inclusive o fraco, o recém-concebido, o envelhecido pelos anos e o enfermo.²²²

O tema da enfermidade é um assunto importante a se refletir, levando em conta que o compromisso social abarca todas as realidades de carência, vulnerabilidade e exclusão que afetam de vários modos o tecido social e pessoal. A discussão levantada no documento de Aparecida insere o ato de auxiliar na enfermidade no duplo mandato de Cristo aos apóstolos: “pregar o Evangelho e curar os enfermos”.²²³ Em relação a essa preocupação, Francisco dirigiu ao mundo esse tema, por meio da oração e bênção *Urbi et Orbi* pelo fim da pandemia, enfatizando a realidade de descaso com os mais vulneráveis e com a Casa Comum, ou seja, a casa de todos.

Nessa direção, Francisco afirma que:

Na doença, a pessoa sente comprometida não só a sua integridade física, mas também as várias dimensões da sua vida relacional, intelectual, afetiva, espiritual; e por isso, além das terapias, espera amparo, solicitude, atenção, em suma, amor. Além disso, junto do doente, há uma família que sofre e pede, também ela, conforto e proximidade.²²⁴

Para Francisco, os voluntários envolvidos na pastoral da saúde desenvolvem um importante papel. No Brasil, são voluntários que dispõem de seu tempo, seus conhecimentos em favor da vida, como um dom que desafia a cultura da morte, que tem suas representações no

²²² CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 187; DAp .417.

²²³ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2008, p. 187; DAp. 418.

²²⁴ FRANCISCO. **Mensagem de Sua Santidade para o XXVIII dia Mundial do Doente**. Vaticano, 11 fev. 2020b. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20200103_giornata-malato.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

individualismo e na fragmentação social.²²⁵ A ação social voltada à saúde é antes um apontar cominhos no sentido de resgatar o valor da vida mesmo diante de doenças incuráveis ou crônicas.²²⁶

Para a Doutrina Social da Igreja, o agir misericordioso de Deus em benefício da humanidade e de sua obra redentora, renovou o interior e o agir humano. Peça salvação em seu Filho Jesus Cristo e com a ação do Espírito Santo, o agir de Deus continua conduzindo o ser humano no amor ao próximo, tornando verdadeiros responsáveis uns com outros e com todo o universo criado.²²⁷

Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face as guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente.²²⁸

Sabe-se que o suicídio é um assunto complexo e suas causas estão relacionadas com fatores sociais, psicológicos e físicos derivados de enfermidades, entre outras; de outro modo, há uma grande preocupação dos organismos institucionais de saúde quanto ao agravamento desse fenômeno durante a pandemia. Nesse sentido, a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), do Ministério da Saúde do Brasil, lançou uma cartilha para os cuidados com a saúde mental e psicossocial neste tempo pandêmico.

Em 2015, quando Francisco na Conferência Episcopal de Moçambique, por meio da visita *ad limina apostolorum*, exortou os pastores a ir ao encontro não somente das periferias geográficas, como

²²⁵ FRANCISCO. **Mensagem de Sua Santidade para o XXVII dia Mundial do doente**. Vaticano, 11 fev. 2019c. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20181125_giornata-malato.html>. Acesso em: 7 ago. 2020.

²²⁶ FRANCISCO, 2020b, não paginado.

²²⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2018, p. 257-258; DSI 256-257.

²²⁸ FRANCISCO. **Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia**. Vaticano, 27 mar. 2020c. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

também das existenciais, recordando que onde houver sofrimento, há solidão. Desse modo, ir ao encontro daqueles que padecem com situações que levam ao suicídio é um compromisso do acompanhamento social e religioso, no intuito de levar esperança e suporte espiritual.²²⁹

Segundo dados e análise da FIOCRUZ o suicídio pode estar relacionado a vários casos, como:

[...] medo, isolamento, solidão, desesperança, acesso reduzido a suporte comunitário e religioso/espiritual, dificuldade de acesso ao tratamento em saúde mental, doenças e problemas de saúde, suicídios de familiares, conhecidos ou profissionais de saúde. [...] Estressores financeiros e outros precipitadores de suicídio, como aumento do uso de álcool e outras drogas e violência doméstica, também tendem a se elevar neste momento de pandemia.²³⁰

Os dados apresentados pela Organização Mundial de Saúde apontam para um tema grave que é o suicídio juvenil, aquele que ocorre entre jovens na faixa etária de 15 a 19 anos, considerado a terceira causa de mortes nesta faixa etária. Os suicídios, como pode ser notado o tema, também são motivados pelo agravamento da exclusão social e econômica, isto é, da desigualdade socioeconômica, pois, em 2016, entre os suicídios ocorridos no mundo, 79% deles aconteceram em países pobres, de baixa e média renda.²³¹

Além das implicações do processo cultural no contexto de uma sociedade líquida, em que a noção de princípios pertinentes à fraternidade, solidariedade e ao valor da vida é diluída e fragmentada,

²²⁹ FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos bispos da Conferência Episcopal de Moçambique em visita *ad limina apostolorum***. Vaticano, 9 mai. 2015. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/pa-pa-francesco_20150509_ad-limina-mozambico.html>. Acesso em: 8 ago. 2020.

²³⁰ FIOCRUZ. **Cartilha- Suicídio na pandemia COVID-19**. Rio de Janeiro, mai. 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/05/cartilha_pre-vencaosuicidio.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2020.

²³¹ OMS. **Suicídio**. 2 set. 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

há ainda a instrumentalização dos meios de comunicação em vista da lógica do capital, do poder econômico sobre os jovens. Isso provoca uma tensão enfatizada pelos sensacionalismos que exploram o medo e os conflitos existenciais, impedindo o amadurecimento da personalidade juvenil.²³²

Para Maccari, mesmo admitindo que ainda se tem muito a fazer para a solução do suicídio, em especial o juvenil, a Igreja vem promovendo diversas atividades com vários grupos de pessoas que tiveram suicídios na família, como: Centro de Valorização da Vida (CVV), trabalhos em paróquias e universidades com o setor da juventude e, entre outras, atividades em parceria com o Estado.²³³

De acordo com a Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos:

Muitas destas situações são produtos da “cultura do descarte”: os jovens contam-se entre as suas primeiras vítimas. Mas, esta cultura pode impregnar também os jovens, as comunidades cristãs e os seus responsáveis, contribuindo deste modo para a degradação humana, social e ambiental que angustia o nosso mundo. Para a Igreja, trata-se de um apelo à conversão, à solidariedade e a uma renovada ação educacional, tornando-se presente de maneira particular nestes contextos de dificuldade.²³⁴

A conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Documento 105, no âmbito do agir dos leigos na sociedade, enfatiza a importância do núcleo familiar pelo sacramento do matrimônio, que deve exercer o seu sacerdócio batismal em vista de uma vida de amor e de comunhão trinitária. São práticas como respostas para uma mentalidade individualista e egoísta, e para um ambiente que proporcione aos filhos

²³² MACCARI, 2019, p. 487.

²³³ MACCARI, 2019, p. 500.

²³⁴ ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final, carta aos jovens. Vaticano: 27 ago. 2018. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html>. Acesso em: 9 ago. 2020. n. 44.

e às filhas a experiência de comunidade que se expressa na própria beleza do matrimônio.²³⁵

E prossegue salientando que a vida de unidade com as paróquias e comunidades eclesiais deve ser mantida para que vivam não como “nômades sem raízes”, mas a “imagem terrena da Santíssima Trindade”.²³⁶ Sendo assim, o compromisso de cada cristão é, antes, um serviço da Igreja que, estando no mundo, assume a responsabilidade em uma sociedade “fundamentada na justiça e na paz”:

Permanecendo Igreja, como ramo na videira (Jo 15, 5), o cristão transita do ambiente eclesial ao mundo cível para, a modo de sal, luz (Mt 5, 13-14) e fermento (Mt 13, 33; Lc 20, 21), somar com todos os cidadãos de boa vontade, na construção da cidadania plena para todos. ‘Não é preciso ‘sair’ da Igreja para ‘ir’ ao mundo, como não é preciso ‘sair’ do mundo para ‘entrar’ e ‘viver’ na Igreja.’²³⁷

A contribuição social dos cristãos no amor fraterno, na generosidade e na partilha deve ser a expressão de uma espiritualidade amadurecida. A realidade, que é exterior às ações, leva ao compromisso social; este é a manifestação do espírito, do ato interior de se dispor, doar-se aos outros. Francisco afirma que uma “evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo”.²³⁸ Portanto, a evangelização, retomando aqui aquilo que já foi exposto acima, é antes uma conversão pessoal daqueles/as que trilham o caminho do discipulado de Cristo, e que querem se dedicar ao serviço dos/as irmão/ãs, da Igreja e da humanidade ferida.

Os caminhos de Francisco para a Igreja nos tempos atuais - frente aos processos de dissolução da sociedade líquida mostrada por Bauman - apontam a uma direção cujos rumos levam à superação dos desafios atuais. É uma resposta para a valorização do ser humano. Um ser em relação e comunhão. Cada um/uma é responsável pelo bem comum do outro, em prol da fraternidade universal.

²³⁵ CNBB, 2018, p. 77-78; Doc. 105, 136-138.

²³⁶ CNBB, 2018, p. 82-83; Doc. 105, 150-151.

²³⁷ CNBB, 2018, p. 88; Doc. 105,166.

²³⁸ FRANCISCO, 2013, p. 145-146; EG 261.

A tarefa da Igreja, enquanto evangelizadora, muito mais que inventar caminhos, é redescobrir nos passos de Jesus o seu centro. A sua entrega na missão: aos mais pobres, aos enfermos, aos marginalizados e a todos/todas que de algum modo estão fragilizados ou fragmentados na sua dimensão existencial. Também em sua própria identidade pessoal e social no contexto da modernidade líquida. E movidos/as pela força do Espírito Santo, todos/todas podem contribuir para uma sociedade de justiça e paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilita tecer algumas considerações que comprovam as hipóteses de pesquisa. A transformação pela qual passam as sociedades contemporâneas, caracterizadas aqui como modernidade líquida, é capaz de promover no contexto hodierno um processo de individualismo radical, fragilidades nas relações e, conseqüentemente, falta de compromisso social. A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, por meio de suas diretrizes, traça caminhos possíveis para o enfrentamento das realidades de exclusão.

Para o estudo do tema, iniciamos este trabalho analisando, brevemente, a história da humanidade, marcada por variadas transformações, adaptações e inovações oriundas da capacidade criadora do ser humano, possibilitando às sucessivas gerações novas formas de pensar e agir no mundo, em suas complexidades fenomenológicas.

Sabemos que o progresso advindo da modernidade tem as suas raízes no próprio ambiente, que se manifestou em épocas precedentes, caracterizadas pelos movimentos resultantes do Renascimento, da Revolução Intelectual e da Revolução Francesa e, mais tarde, da Revolução Industrial. Esses movimentos são importantes pelo seu alcance mais amplo e mais significativo, e solidificaram as categorias do pensamento moderno; ao mesmo tempo, foram dissolvidos para dar continuidade às novas categorias, que Bauman procura analisar em dois momentos distintos presentes às sociedades na contemporaneidade: modernidade sólida e modernidade líquida.

A modernidade sólida caracteriza-se pelo excesso de ordem, repressão, dureza, regulação, certeza, de rigidez e inflexibilidade nos comportamentos sociais. Livre das implicações da moral-religiosa e tomado pelo subjetivismo, marca das revoluções democráticas e do individualismo, expressão do racionalismo cartesiano, o Estado moderno deu lugar à lógica do capital. Símbolo do controle da economia, o modelo fordista foi a “pupila dos olhos” dessa fase de transição. Ocorre que todos os sistemas, por mais consistentes e duradouros que fossem estiveram sujeitos aos efeitos do par líquido-moderno, como afirma Bauman, e a sociedade caracterizada pela modernidade sólida não seria diferente disso.

A época seguinte apresenta uma sociedade marcada pela modernidade líquida, onde estão presentes as inovações tecnológicas, as incertezas, as mudanças rápidas e imprevisíveis. Aqui, de modo especial, o Estado moderno é desacreditado e enfraquecido em sua

atuação reguladora; o liberalismo do sistema econômico, por sua vez, sem as amarras da regulação estatal, proporciona uma radicalização do indivíduo moderno. O consumo torna-se objeto de manipulação das liberdades individuais e o indivíduo, um objeto a ser consumido. As relações sociais, motivadas pelo princípio de fraternidade, alteridade e responsabilidade ao bem comum, aos poucos, dissolvem-se substituídas pelo imperativo ético do consumo. É o momento consumado do poder econômico, da cultura de consumo e, por conseguinte, da cultura do descarte.

A sociedade de consumo caracteriza o hoje da modernidade líquida. Os indivíduos são levados a construir a sua própria identidade baseada na aquisição dos padrões que essa sociedade líquida e consumista oferece. Como vemos, é um caminho solitário, pois a satisfação é pessoal e individual, não pode ser compartilhada. Por ser mais um entre tantos outros produtos a serem consumidos, a relação social e os laços sociais tornam-se fluídos e débeis.

Além da fragmentação da identidade, percebe-se um forte favorecimento no aumento das desigualdades sociais, pois o fato de consumir constrói identidades, padrões sociais, *status* que afastam do sistema aqueles que não podem consumir e ao mesmo tempo são consumidos pela sociedade, os excluídos.

Com o intuito de promover um diálogo teológico e pastoral, contextualizado pela modernidade líquida, objetiva-se propor diretrizes às/aos cristãs/ãos e às mulheres e aos homens de boa vontade, no sentido de vencermos estas amarras do consumismo exagerado, do individualismo, da desesperança e dos problemas existenciais e de exclusão. Em consonância com o Concílio Vaticano II, a Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium* apresenta-se como caminho de superação, expondo com clareza a sua opção evangelizadora pelos pobres.

E a pobreza se manifesta de muitas formas, sem minimizar o fato de que a fome é um dos principais obstáculos que precisa ser superado. Neste sentido, o Papa Francisco utiliza o termo “periferias existenciais” que representam além da realidade da fome, aquelas situações que também degradam e excluem o ser humano de seus direitos fundamentais. Assim são exemplos atuais a migração clandestina que explora e oprime; a violência em suas muitas formas, mas com vítimas selecionadas: os jovens de periferia, negros, moradores de ruas, entre tantos outros grupos de minoria social.

O início de uma caminhada de diálogo com a sociedade líquida é uma evangelização com chave de leitura missionária, que não é

necessariamente inventar um novo Evangelho; é antes de tudo retomar a sua razão de ser, Jesus. Ele veio para aqueles que estão doentes, os pequeninos e os sofredores. Falar de uma evangelização missionária é ter como centralidade a própria missão de Cristo e possibilitar um encontro com a humanidade ferida no seu processo de fragilidade e limitações.

O compromisso social da evangelização tem como destinatários os pobres, todavia, no contexto social em que estamos inseridos por uma mentalidade individualista e consumista, urge uma conversão, no interior do coração das/dos cristãs/ãos e da Igreja, uma transformação das estruturas e disposições pastorais, para a promoção da dignidade humana, a contribuição a uma sociedade justa e solidária, realizando no mundo um reino de paz e justiça.

No terceiro e último momento, analisamos o conceito de humanidade ferida apontando especificamente alguns casos que fazem parte das realidades contemporâneas, percebendo as consequências da indiferença característica da mentalidade individualista. Por outro lado, ressaltamos a importância do Estado na promoção de políticas públicas que favoreçam os grupos que se encontram em risco social. Por fim, entendemos que o compromisso, exortado por Francisco com as suas catequeses e reflexões atuais, quer ser este de ver frutificar o Evangelho em uma Igreja misericordiosa, de rosto maternal, e voltada aos pobres, aos enfermos com debilidades físicas e existenciais.

Francisco mostra para a Igreja que os desafios dos tempos atuais, frente aos processos de dissolução da sociedade líquida mostrada por Bauman, têm como resposta a valorização do ser humano como ser em relação e comunhão. Cada um/uma é responsável pelo bem comum do outro, em prol da fraternidade universal. Portanto, a Igreja deve redescobrir em Jesus esses imperativos éticos, para que no mundo fragilizado e fragmentado ela possa restituir a fraternidade, a solidariedade e o espírito comunitário. Isso porque a missão de evangelizar só faz sentido em comunhão com Aquele que é modelo, e, para segui-lo, as/os cristãs/ãos devem estar abertas/os aos irmãos mais necessitados, colocando-se a serviço da vida.

A contribuição social dos cristãos no amor fraterno, na generosidade e na partilha deve ser a expressão de uma espiritualidade amadurecida, pois a realidade que é exterior às ações leva ao compromisso social, que é a manifestação do espírito, do ato interior de se dispor, doar-se aos outros.

Estamos cientes de que não conseguimos analisar em profundidade todos os escritos de Zygmunt Bauman e a Exortação

apostólica *Evangelii Gaudium*, diante das limitações de tempo e de exercício acadêmico para esta monografia e pelo objeto da presente pesquisa. Esperamos, contudo, partindo deste trabalho, novas pesquisas e aprofundamentos da temática, como, por exemplo, sobre o racismo no contexto líquido moderno, as variadas formas de violência à mulher e as minorias nessa sociedade fragmentada, no intuito de apontar perspectivas pastorais para o enfrentamento dessas realidades.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Pastoral social**: dimensão socioestrutural da caridade cristã. Brasília: CNBB, 2017.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: documento final, carta aos jovens. Vaticano: 27 ago. 2018. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html>. Acesso em: 9 ago. 2020, n. 44.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 109-120, dez. 2004, p. 111. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10027/11599>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

BAGGIO, Antônio Maria. A ideia de fraternidade em duas Revoluções: Paris 1789 e Haiti 1791. In: BAGGIO, Antônio Maria (Org.). **O princípio esquecido/1**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009a.

_____. **A sociedade individualizada**. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009b.

_____. **As 44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010a.

_____. **Legisladores e intérprete**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010b.

_____. Milênio: A fluidez do 'mundo líquido' do Zygmunt Bauman. **Programa Globo Milênio**, 8 Dez. 2015. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globonews/milenio/video/milenio-a-fluidez-do>>

mondo-liquido-do-zygmunt-bauman-4661254.ghtml> Acesso em: 07 abr. 2020.

_____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. **Sociedade de consumo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

_____. **Vida para o consumo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008c.

_____; MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Trad. Aguiar, Renato. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BECK, Ceres Grehs. As múltiplas faces da comodificação e a constituição da crítica acerca das práticas de consumo contemporâneas. **São Leopoldo: Instituto Humanitas da Unisinos**, 2017, v. 53, n. 1, p. 136-147, jan./abril. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2017.53.1.14/5970>. Acesso em: 24 jun. 2019.

BENTO XVI. **Carta encíclica spe salvi: sobre a Esperança Cristã**. São Paulo: Loyola; Paulus, 2007.

_____. **Luz do mundo: O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos: uma conversa com Peter Seewald**. Trad. Valério, Paulo F. São Paulo: Paulinas, 2011.

BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BLAYNEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento, 2008.

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Desafios Éticos e Suicídio na Pós-Modernidade. **Cadernos Zygmunt Bauman**. v. 9, n. 21, p. 2-20, 2019. Disponível em:

<<http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/12395/7002#>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

BRIGHENTI, Agenor. **Documento de Aparecida**: o texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. Curitiba, Rev. Pistis Prax., teologia pastoral, v. 8, n. 3, 673-713, set./dez. 2016

BRUXEL, Luciano Elias. Inclusão social como não violência ativa. **Cadernos da Estef**, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana. v. 16, p. 89-97, 2006.

BURNS, McNall Burns. **História da civilização ocidental**: Do homem das Cavernas até a Bomba Atômica, v.1. 22. ed. Trad. Lourival Gomes Machado; Lourdes Santos Machado. Porto Alegre: Globo, 1979.

BUSS, Paulo Marchiori. Globalização, pobreza e saúde. Revista **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, p. 1575-1589, nov./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csc/v12n6/v12n6a17.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CARBONARI, Paulo César. Violência e memória das vítimas : um olhar ético à luz das direitos humanos. **Caminhando com ITEPA**, Passo Fundo: ITEPA, n. 92, p. 14-25, 2009.

CODINA, Víctor. **Para comprender la eclesiologia desde America Latina**. Estella: Verbo Divino, 1990.

COFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos leigos e leias na Igreja e na sociedade**: sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14). Brasília: CNBB, 2018.

_____. **Diretório Nacional de Catequese**. 10 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 9. ed. Brasília: CNBB; Paulus; Paulinas, 2008.

CORVISIER, André. **O mundo moderno**. Lisboa: Ática, 1976.

DUSSEL, E. **Europa, modernidade e eurocentrismo**: a colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Clacso, 2005.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: formação do Estado e Civilização, v. 2. Trad. Ruy Jugmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FIOCRUZ. **Cartilha- Suicídio na pandemia COVID-19**. Rio de Janeiro, maio 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.org.br/wpcontent/uploads/2020/05/cartilha_prevencaosuicidio.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2020.

FRANCISCO. **Mensagem de sua santidade para o XXVII dia Mundial do doente**. Vaticano, 11 fev. 2019c. Não paginado.

Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20181125_giornata-malato.html>. Acesso em: 7 ago. 2020.

_____. **Contra o vírus da indiferença: Manter viva a memória pra combater antissemitismo e discriminação. L'Observatore Romano**, Vaticano, 1 fev. 2018a. Ano XLIX, n. 5.

_____. **Discurso aos participantes no simpósio "novas formas de fraternidades solidária"**. Vaticano, 5 de fev. de 2020a. Não paginado.

Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200205_nuoveforme-disolidarieta.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

_____. Discurso dirigido aos dirigentes e funcionários dos correios italianos: “Pôr no centro as pessoas não o lucro”. **L’*Observatore Romano***, Vaticano, 22 fev. 2018b. Ano XLIX, n. 8.

_____. **Discurso do Papa Francisco aos bispos da Conferência Episcopal de Moçambique em visita *ad limina apostolorum***. Vaticano, 9 mai. 2015. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco_20150509_ad-limina-mozambico.html>. Acesso em: 8 ago. 2020.

_____. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio no mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

_____. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013b.

_____. **Exortação apostólica pós-sinodal. *Chistus Vivit***: para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019b.

_____. **Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da casa Santa Marta**: Por uma cultura do encontro. Vaticano, n. 37, 15 set. 2016a. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

_____. Mensagem aos participantes no Fórum econômico Mundial em Davos, na suíça: O homem e os seus direitos no centro dos modelos econômicos. **L’*Observatore Romano***, Vaticano, 25 jan. 2019d. Ano XLIX, n. 4.

_____. **Mensagem de Sua Santidade para o XXVIII dia Mundial do Doente**. Vaticano, 11 fev. 2020b. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20200103_giornata-malato.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

_____. **Mensagem do Papa Francisco para o 105º dia Mundial do Migrante e do Refugiado**. Vaticano, 27 mai. 2019a. Não paginado.

Disponível em:

<<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration.index.html>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

_____. **Momento Extraordinário de Oração em tempo de Epidemia**. Vaticano, 27 mar. 2020c. Não paginado. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html>. Acesso em: 6 ago. 2020.

_____. **O nome de Deus é Misericórdia: uma conversa com Andrea Tornielli**. Trad. Mourão, Catarina. São Paulo: Planeta Brasil, 2016a. GALVÃO, Giovana Mendonça; MARTINS, Tallita de Carvalho. Criminalização da Pobreza: o produto de uma violência estrutural. **Revista Transgressões**, v. 1, n. 2, p. 42-65, 27 jan. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/6576/5089>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GEFFRÈ, C.; JOSSUA, Jean Pierre. Interpretação teológica da modernidade. **Concilium**. Petrópolis : Vozes, n. 244, p. 783-787, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Trad: Raul Finker. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, Carla Silene Cardoso Lisboa Bernardo. **Lévinas e o Outro: a ética da alteridade como fundamento da justiça**. 91 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp113166.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

_____. **Os rumos da Igreja no pós-pandemia**. Diálogos *online* de Pastoral Urbana, em 10 de ago. de 2020, via youtube. Disponível em: <<https://youtu.be/JXEWQSw5pQ>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. 5. ed. Trad. Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOFFNER, Joseph. **Cristianismo e sociedade**: introdução a doutrina da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1979.

IAROCHEVSKI, Ederson. **Relações humanas na modernidade líquida**: luz e alento a partir de Aparecida. 106 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Instituto Teológico de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

IBGE/PNAD. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016**. Não paginado. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

IPEA. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. Brasília, 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/2006_12_nt_disoc_n_73.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

.Palavras do Papa Francisco no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2013.

LABROUSSE, Enest. **La crisi dell'economia francese alla fine dell'Antico Regime e all'inizio della Rivoluzione**: Come Nascono le Rivoluzioni. Economia e política nella Francia del XVIII e XIX secolo. Torino. Bollati Boringhieri, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5. ed. São Paulo: Unicamp, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Monole, 2005.

LOVERA, P. Sulbarán. Morte de George Floyd: 'Os EUA nunca foram um país branco', diz historiadora Annette Gordon Reed. **Revista BBC NEWS**, 16 jun. 2020. Não paginado. Disponível em:

<www.bbc.com/portuguese/internacional-53049278>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MACCARI, Vilmar Dal Bó. O incentivo aos leigos na vida pública: as ações concretas da Arquidiocese de Florianópolis voltadas aos representantes e dirigentes políticos. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v.33, n.3, p.521-544, set./dez. 2018.

MACCARI, Vilmar Dal Bó; LUEDCKE FILHO, Eugênio. Suicídio juvenil: um problema social e pastoral. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 34, n. 3, set.-dez. 2019.

MANCEBO, Deise. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 1, p.100-111, mar. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000100011>>. Acesso em: 14 mai. 2019.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**: de Lutero aos nossos dias. A era da Reforma, v. 1. Trad. Orlando Soarez Moreira. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MELLO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César A. **História moderna e contemporânea**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

MONTEIRO, Karla. Zigmunt Bauman: Estamos constantemente correndo atrás: o que ninguém sabe é correndo atrás de quê. **O Globo On-Line**, 27 abril 2009. Não Paginado. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/zigmunt-bauman-estamos-constantemente-correndo-atras-que-ninguem-sabe-correndo-atras-de-que-273321.html>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

NABAK, Vinicius Toscano. Medo e discurso: uma análise do discurso armamentista desde 2000. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 26, p. 132-149, 11 mai. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/1981-2140.2018.17489>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

NEUTZLING, Inácio. Por um milênio sem exclusões: o desafio da construção da igualdade. **Revista Encontros Teológicos**, v. 14, n. 2. Florianópolis: ITESC, 1999.

OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares de. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 210-235, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222013000100009>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

OMS. **Suicídio**. 2 de setembro de 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ONU. **1º relatório de acompanhamento dos objetivos do desenvolvimento sustentável**. 19 jul. 2016. Não paginado. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-divulga-1o-relatorio-de-acompanhamento-dos-objetivos-do-desenvolvimento-sustentavel/>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

_____. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). **Relatório do desenvolvimento humano 2019**: Além do rendimento, além das médias, além do presente: Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI, p. 5. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

OXFAM. **Recompense o trabalho, não a riqueza**. Não paginado. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/recompensem-o-trabalho-nao-a-riqueza/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MO SUNG , Jung. Deus e ídolo na economia. **Revista vida pastoral**, n. 164. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/atualidade/deus-e-idolo-na-economia/>>. Acesso em: 6 ago. 2020.

PELLENZ, Mayara et al. Fraternidade como alternativa à seletividade do Direito Penal. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 38, n. 76, p. 155-182, set. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/21777055.2017v38n76p155>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

PINTO, Domingos. Portugal: pandemia criou “realidades escondidas e envergonhadas”: Entrevista à Vatican News da irmã Graça Guedes, a nova presidente da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP). **Vatican News**, Lisboa, 06 julho 2020. não paginado.

Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-07/portugal-pandemia-criou-realidades-escondidas-e-envergonhadas.html>>. Acesso em: 07 ago. 2020.

PIVETA, Ruth Tainá Aparecida; CARVALHAES, Flavia Fernandes de. A Juventude das periferias como alvo da violência: uma análise sobre enunciados difundidos pela sociedade brasileira. **Associação Brasileira de Psicologia Política**. São Paulo, v. 17, n 39, p. 277-292. mai./ago. 2017. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a07.pdf>>. Acessado em: 26 jun. 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

PROTI, Thiago. Burguês! A irreflexão que nega o direito de ser. Revista **VirtuaJus**. Belo Horizonte, v.12, n. 28, p. 254-263, 14 dez. 2016.

Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/13777>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

QUENCA, Monica. **Imigrantes haitianos sofrem racismo e xenofobia no Brasil**. Jornal Terra, 13 mai. 2014. não paginado. Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/imigrantes-haitianos-sofrem-racismo-e-xenofobia-nobrasil,a55e260ac95f5410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. Trad. Alberto Costa. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

RETONDAR, A. M. A. (Re) construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades.

Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 1, p. 137-160, jan./abril. 2008. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/se/v23n1/a06v23n1.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

SALLES, Leila Maria Ferreira *et al.* Violência e inserção social do jovem de periferia urbana. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.16, n. 3, p. 58-68, set.-dez. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v16n3/05.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SEREDA, Alessandra *et al.* Sociedade e consumo: análise de propagandas que influenciam o consumismo infantil. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 14, n. 2359, 16 dez. 2009. Não paginado. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/14028>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Revista Scientiae Studia**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 43-81, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n1/a02v06n01.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

SILVA, Edinaldo Enoque; EIDT, Paulino. Globalização: ensaio sobre as marcas da homogeneização do mundo no universo regional. **Revista Geografares**, n. 13, p.160-191, 21 dez. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7147/GEO13.2949>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SILVEIRA, Samuel. **Objeto de estudo geográfico em Milton Santos: em busca da sistematização da vida**. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- de Geografia, Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007. Disponível em: <<http://www.novos cursos.ufv.br/graduacao/ufv/geo/www/wp-content/uploads/2013/08/Samuel-Silveira.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

SIPIONI, Marcelo Eliseu *et al.* Máscaras cobrem o rosto, a fome desmascara o resto: covid-19 e o enfrentamento à fome no Brasil.

Revista Ciências da Saúde, Rio de Janeiro, 5 mai. 2020. Não paginado. Disponível em:

<<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/660/866>>.

Acesso em: 7 jul. de 2020.

SOBRINO, Jon. **Ressurreição da verdadeira Igreja**: os pobres, lugar teológico da eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1982.

TAVARES, Ricardo *et al.* Homicídios e vulnerabilidade social. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 923-934, mar.

2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.12362015>>.

Acesso em: 04 jul. 2020.

TEIXEIRA, Evilázio. **Modernidade e pós-modernidade**: luzes e sombras. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, ano 4, n. 50, p. 1-21, 2006. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/050cadernosihuideias.pdf>>. Acesso em: 19 Ago. 2020.

UNESCO. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**:

desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. 11 dez. 2017. Não paginado. Disponível em:

<http://www.unesco.org/new/pt/rio-20/single-view/news/index_outlines_youth_violence_vulnerability_in_brazil/>.

Acessado em: 25 jun. 2019.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus**: processo histórico da consciência Eclesial de Jesus. Trad. Nancy B. Faria; Wagner de O Brandão. Petrópolis: Vozes, 1996.

VITORINO, Cleide Aparecida; VITORINO, William Rosa Miranda.

Xenofobia: política de exclusão e de discriminações. **Revista Pensamento Jurídico**, São Paulo, v. 12, n. 2, jul./dez. 2018.

WOHLAND, Milan. Campos de concentração como organização burocrática: notas para estudo. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 49-53, jun. 1983. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rae/v23n2/v23n2a05.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulinas, 2018.

ZANGHENI, Guido. **A Idade moderna**: curso de história da Igreja III. São Paulo: Paulus, 2014.